

Enio Starosky

FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E TEOLOGIA

(estudos em revistas do Cemoroc–USP)

(org. e prefácio de Jean Lauand)

Edições Cemoroc-Feusp
2024

Copyright © 2024 do autor
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue
University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Starosky, Enio
Filosofia, Educação e Teologia; São Paulo: Cemoroc, 2024

ISBN 978-65-01-06102-3

1. Filosofia 2. Educação 3. Teologia I. Título

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecmoroc/>

SUMÁRIO

Enio Starosky, pesquisador do Cemoroc-Feusp Prefácio de Jean Lauand	05
A educação para o amor em C. S. Lewis e J. Pieper	09
Ausência (oni)presente	37
Martin Lutero e David Keirse	55
A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ	61
A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP	73
Elogio do ócio – breve nota sobre a <i>skholé</i> e a escola para o início do ano letivo	85
Os Seminários do Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo	89
Paulo Ferreira da Cunha no Colégio Luterano São Paulo	101

Enio Starosky, pesquisador do Cemoroc-Feusp

Prefácio

Jean Lauand
Presidente do Cemoroc

É com muito orgulho e com grande alegria que o Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente), centro de pesquisas da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, publica este volume, que recolhe uma seleção de estudos – publicados entre 2013 e 2024 – por nosso Diretor Científico de Eventos, Prof. Dr. Enio Starosky.

Starosky é um de nossos mais ativos membros e autores, que aprofunda suas pesquisas em alguns dos pensadores mais caros ao Cemoroc, como C. S. Lewis, Josef Pieper e David Keirse, que, naturalmente, são muito contemplados neste livro.

Sua notável contribuição para com o Cemoroc, porém, estende-se também a outros campos, destacando-se a fecunda parceria – ininterrupta desde 2013 – que tem estabelecido entre o Colégio Luterano São Paulo, por ele dirigido, e nosso Centro – como o próprio autor se encarrega de esmiuçar no penúltimo artigo desta obra: “Os Seminários do Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo”.

Uma parceria da qual muito nos temos beneficiado: diversos de nossos pesquisadores têm frequentado “o Luterano” em profícuo diálogo com seus docentes e estudantes (e até com suas famílias e a comunidade do bairro do Colégio!) e foram no Luterano que se forjaram algumas de nossas teses, pós-doutorados e muitas pesquisas (especialmente como “laboratório keirseiano”).

Enio Starosky é um caso raro de intelectual, que conjuga uma intensa pesquisa de qualidade com o absorvedor trabalho de dirigir, com excelência, um dos maiores e mais importantes colégios da Capital (sem falar em suas atividades como pastor e encargos que a Igreja Luterana, também em nível nacional, lhe confia).

Seja-me permitido uma breve palavra sobre as qualidades pessoais e administrativas de nosso Diretor (que, afinal, se conectam com seu perfil de autor e pesquisador).

Nestes anos em que tenho tido o privilégio de conviver com o Enio (como professor desde 2012, como seu orientador de mestrado e doutorado e, mais recentemente, como professor colaborador do Colégio Luterano), algumas de suas virtudes têm me impressionado: a absoluta seriedade intelectual e administrativa (acompanhada de um permanente senso de humor); o cultivo da tradição unido a uma imensa abertura para a inovação; uma cálida compreensão dos outros, sem eximi-los das devidas responsabilidades.

E sobretudo sua serenidade. Nestes anos de convívio, todas as vezes que o vi enfrentar dificuldades – pessoais, escolares, administrativas – o Enio sempre preserva, em situações de sofrimento, sua imperturbável serenidade

pessoal e transmite aos que o rodeiam a mesma sensação: não há motivo para pânico nem inquietação. Preserva-se o límpido olhar da virtude principal do bom governo: a *prudentia*.

Em 1974, em uma rua de Barcelona à noite, tive o privilégio de ver em ação um dos últimos *Serenos*, uma figura que existiu na Espanha desde 1715 até sua extinção – o mundo moderno não comporta mais esse funcionário – em 1977. Os jovens nem imaginam o que eram essas figuras do passado, hoje extintas, como o homem do realejo...

O Sereno era um profissional que – com um casacão azul, gorro e bastão, fazia a ronda do quarteirão à noite, com seus pregões, em geral anunciando a hora e tranquilizando a vizinhança dizendo que estava tudo bem (sereno) com a segurança ou o clima: ¡*Las once y sereno!* (ou, digamos: ¡*Las seis y lluvioso!* ou ¡*Comienza a nevar!*!).

No Colégio, com as famílias dos estudantes; em nosso Centro; em qualquer ambiente, sem necessidade de pregões, mas com sua presença e sabedoria, Enio é o *Sereno*, que nos assegura que está tudo bem ou, pelo menos, nos ajuda a ver o problema em sua real dimensão, sem exageros nem trepidações. Foi assim na pandemia, é assim cada vez que surge um desses problemões que todo colégio enfrenta... Como é o caso, por exemplo, do modo como está enfrentando o enorme desafio de estabelecer na escola um uso saudável e responsável do celular e mídias sociais. No final de maio, Enio contratou uma especialista no assunto para conversar com todos alunos e a comunidade escolar sobre o tema...

Essa notável serenidade, não é meramente uma virtude pessoal, remete a uma outra qualidade: sua fé religiosa, sua confiança no amor misericordioso de Deus, que – não poderia deixar de ser – in-forma toda sua visão de mundo e sua pesquisa acadêmica. Mas que fique bem claro: Starosky não mistura canais, nunca “apela” para a religião para a aceitação desta ou daquela tese filosófica ou científica. Nesses campos é de um absoluto rigor de pensamento, tal como seu mestre Josef Pieper, que mostrou a impossibilidade da pretensão de uma asséptica *voraussetzungslosigkeit*, isenção total de pressupostos (teológicos), presentes ao menos de modo implícito (mesmo que seja para rejeição) nos *fundamentos últimos* de sua visão em qualquer filósofo, ainda que *malgré lui même* (cf. “O caráter problemático de uma filosofia ‘não-cristã’”¹). Starosky assume essas bases últimas de sua visão filosófica e humanista, mas não extrai deles nenhum efeito “operacional” ou indevido.

Desse quadro de uma rica experiência intelectual e existencial, nutrem-se as reflexões das pesquisas de Enio Starosky, que o leitor encontrará também – e muito proveitosamente – neste livro: a educação para o amor, a compreensão (tema de fundo da psicologia de David Keirse), sua apologia da *skholé* etc.

São Paulo, 21 de junho de 2024

¹ <http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#2s>

A educação para o amor em C. S. Lewis e J. Pieper

Introdução

Que tema é interessante, senão pelo amor que temos nele, por ele ou que procuramos nele? E que tema interessa senão pela possibilidade de aprender ou ensinar? Se o amor, como a mais fundamental das forças da vontade, é o princípio de toda existência, então que vontade é essa, e o que queremos de fato quando dizemos a algo ou alguém: “eu te amo”?

O ser humano não nasce sabendo amar convenientemente, ele precisa ser educado para amar. É fato incontestável que há muitas distorções sobre o amor: na linha mundana, os prazeres desbragados, dissolutos e desenfreados, por outro lado, as distorções religiosas. C. S. Lewis e Josef Pieper (doravante abreviados por CSL e JP) são um antídoto para os dois desvios fazendo-nos recuperar o “léxico do amor”.

Assim, este artigo se propõe resgatar a importância do amor na atuação docente como instrumento para o ensino e fonte essencial da aprendizagem; provocar o pensamento sobre as características de um bom educador e apontar para possíveis novas formas de projetos pedagógicos nas escolas, sobretudo a educação emocional para crianças, jovens e adultos. Trata-se de uma filosofia do amor que convida a uma

revisão da prática escolar cotidiana e estabelece uma nova dimensão para o ato educativo.

O tema, portanto, busca provocar a discussão, a reflexão e o debate sobre o amor e estimular o pensamento sobre as características ideais de um educador. Visto que o homem é um “ser que esquece” constantemente suas realidades essenciais – um dos grandes males de hoje – é preciso resgatar permanentemente a lembrança de quem de fato ele é; recordar o “torna-te o que és / lembra-te de quem tu és” do antigo e grande poeta Píndaro, pois quando se sabe de *cor* (de coração) jamais se esquece. Aquilo que lhe vai no coração, porque ama, lembra. Assim, o grande e grandioso desafio da educação é fazer lembrar através de uma pedagogia do amor. Daí a importância da amorosidade na atuação docente como instrumento para o ensino e fonte essencial da aprendizagem. Visto que a banalização dos sentimentos ameaça seriamente a relação humana – sobretudo o amor por ter como conceito uma extensa variedade de formas e explicações – entendemos que o tema contribui significativa-mente para a discussão científica, especialmente para possíveis novas formas de projetos pedagógicos em nossas escolas.

A partir do pensamento CSL e JP, dois autores de profunda expressão acadêmica no século vinte, entendemos que é pela boa formação dos homens em todos os tempos que se ergue a verdadeira educação – a educação para as virtudes. Que educa melhor o educador que sustenta uma confiança básica no ser humano, que sente prazer em estar vivo e atua positivamente no cotidiano cultivando a vitalidade, que lembra eloquentemente da sua essência divina e propõe uma

ação pedagógica de “abertura para o todo” (*Offenheit für das Ganze* - JP) – para a totalidade do ser, que adota uma pedagogia do amor cuja expressão mais profunda é: *Wie wunderbar das Du da bist* (“que bom que existas!” ou “que maravilha que estejas no mundo!”); educa melhor o educador cuja alma em festa se abre para o saber e cuja dilatação intelectual é, ao mesmo tempo “deleitação” (alegria) do coração, que concebe uma ideia universal de homem fundamentada numa ética de essência e na certeza de alcance da felicidade, que é coerente e vive o que pensa, estabelece um vínculo de educador afetivo e exemplar com quem nele se inspira, que ensina a coragem e o entusiasmo pelo novo, pelas coisas que estão além de si mesmo, pelo atrevimento de experimentar o diferente e onde o medo de errar é suplantado pela coragem de acertar; educa melhor o educador emocionalmente sensível, que sente paixão pela vida, se preocupa e se interessa com os problemas reais do seu aluno acolhendo-os como um dos objetivos da ação educativa que anula o radical distanciamento entre a vida privada e pública, que desperta o desejo pela autonomia do pensamento ciente de que o aluno é sujeito do seu agir e livre para decidir seus atos e caminhos.

A educação para o amor em JP

Poucos filósofos intuíram tão bem a importância das virtudes para a formação integral do homem como JP. E, como poucos, chamou a atenção para a potencialidade

transformadora da mais grandiosa de todas as virtudes – o amor. As respostas desse grande pensador incidem certamente sobre o núcleo essencial do nosso tema que visa relacionar amor e educação, o que o nosso autor faz de maneira magistral.

Muitas coisas na vida humana se alimentam do amor para sobreviver. Também para JP “a flor do amor tem muitos nomes” (como dizia Guimarães Rosa),² pois os fundamentos filosóficos que sustentam uma completa visão de mundo – ainda que provisória e num permanente “estar a caminho”, que é como JP caracteriza a esperança – são como portas pelas quais o amor se expressa.

Com essa certeza de permanentemente “estar a caminho”, própria da *hoffnungsstruktur* do ser humano, JP fala sobre os conceitos que formam sua profunda unidade de visão de mundo e de homem (*Weltbild und Menschenbild*). Declara sem rodeios que não considera filosofante, alguém que pensa ter conseguido, com sucesso, elaborar uma visão-de-mundo perfeitamente acabada, mas, sim, aquele que se empenha por manter viva uma certa questão: *a questão sobre o significado da razão última da totalidade do real* – uma questão para a qual poderá certamente encontrar uma série de respostas provisórias, contudo, nunca a resposta. Qualquer esforço por apreender “*the complete fact*” (a característica da questão filosófica, na feliz formulação de A. N. Whitehead), permanece necessariamente um empreendimento inacabável. Pois é esta, propriamente, a tarefa da filosofia: manter aberta a atenção para o inapreensível “fato total” e, assim, despertar

² ROSA, Guimarães. Grande sertão: Veredas, 2001, p. 206.

suspeita contra qualquer pretensão à descoberta da “fórmula do mundo” como se pudesse segurá-lo nas mãos e analisa-lo desde fora. Nisto se encontra uma das fundamentais diferenças entre a ciência e a filosofia, que representa também a razão pela qual não pode haver uma “filosofia científica”.

Entre os conceitos fundantes que formam a visão de conjunto (*Weltanschauung*), a mundividência do Dr. JP estão: a admiração, a criação, a arte e o caráter festivo da vida, o ócio e o trabalho, o ensinar e o aprender; as virtudes teológicas: crer, esperar e o próprio amor; mas também as virtudes cardeais: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.

Embora esses conceitos se alimentem do amor que, afinal, – como já dito – para JP é aprovação, afirmação, o amor humano ainda é algo provisório. Lauand lembra que Tomás de Aquino, diz que o amor, na verdade, ainda é como que continuação, participação e prolongamento de outro Amor: o Amor de Deus, que desde o princípio profere a frase criadora por excelência: “*É bom que existas!*”³ Expressão que se plenifica na admiração do próprio Criador quando olha a sua criação: “*Eis que tudo era muito bom!*” (Gênesis 1).

Como se poderá perceber, embora tenhamos disposto os conceitos fundantes da visão de mundo de JP em tópicos, muitos deles (senão todos) estão de tal forma ligados, que é impossível separá-los, o que, aliás, está bem de acordo com a

³ LAUAND, Jean. A doutrina da participação na estética clássica. Disponível em: http://www.grupotempo.com.br/tex_lau_part.html. Acesso em: 15 de jun. 2014.

sua filosofia. JP defende a absoluta unidade do ser que aí está, mas também tem potencialidades ainda não desenvolvidas, e é entendido como composto de matéria e forma, unificado pelo pensamento criacional divino. Este pensamento unificador é fundamentalíssimo e JP o fundamenta em seu grande mestre, Tomás de Aquino.

A despeito dessa brilhante unidade sintética que, reconhecemos, mereceria uma descrição muito mais abrangente e profunda, julgamos importante destacar aqui apenas alguns pares desses conceitos como temas essenciais diretamente ligados ao tema central que aqui apresentamos.

Como o objetivo deste artigo é estabelecer um paralelo entre amar e educar, é essencial que mencionemos brevemente apenas a visão de JP sobre ensinar e aprender.

Sempre fiel à sua tese mais fundante que é a abertura para o todo (*Offenheit für das Ganze*), JP reafirma o que já havia sido dito pelo seu grande mestre, Tomás de Aquino: que “o sentido íntimo do aprender consiste no conhecimento do mundo real e de sua estrutura”.⁴

Para falar sobre o aprender JP também recorre ao velho e bom Platão, e mantém com ele o mesmo pensamento: o aprender pressupõe que haja um mestre: um mestre real, de carne e osso. Para aprender, por isso, a princípio, o aluno não precisará de um espírito crítico que examina, reexamina e depois aceita ou recusa o que lhe é apresentado. Tanto Aristóteles como Platão e, com eles, JP, dizem que quem quiser aprender deve crer; quem quiser experimentar, quem

⁴ Thomas von Aquin: *Leben und Werk*, p. 93.

quiser se relacionar com o que é decisivo, com os fundamentos últimos, com “Deus e o mundo”, deve, com confiança, ou seja, em certo sentido, acriticamente, em atitude de disponibilidade para a silenciosa escuta, voltar-se para um homem: o mestre. Nesse sentido, parece-nos que perdemos muito com o advento do princípio de Descartes, que remete o indivíduo a sua própria subjetividade isolada, que impediu o acesso à sabedoria platônica. Curiosamente esse princípio nunca se perdeu no Extremo Oriente onde sem mestre pessoal não se tem sabedoria.

Porém, não era apenas o crer/confiar que ligava os discípulos a seu mestre. Também era o amor. Em uma importante passagem da famosa peça escrita por Goethe lemos que “*só se aprende, acima de tudo, de quem se ama*”.⁵ Porém, não se trata do amor *eros* quando se diz que o pressuposto do aprender é – em determinado sentido – o amor, a identificação amorosa com o discípulo. O que os antigos, e também JP, entendem é que o discípulo mediante tal identificação é colocado na possibilidade de ver o objeto como que com os olhos do mestre. Então ele passa a ter acesso a realidades que, – do ponto de vista puramente intelectual – de modo algum poderia apreender, mas que lhe é dada, no entanto, justamente em virtude daquela afirmação (inicialmente) acrítica de discípulo, em virtude de sua identificação com o mestre. Portanto, o aprender, no pensamento pieperiano, acontece em sua forma mais intensa

⁵ GOETHE, J. Wolfgang. Fausto. Disponível em: <http://livros.universia.com.br/2012/10/17/baixe-gratis-o-livro-fausto-de-goethe/> Acesso em: 12 de jul. de 2014.

não por conta de um interesse pelo assunto, mas por causa da ligação do discípulo com o mestre.

Também o ensinar para JP, como todas as suas teses, está firmemente ligado ao amor. No verdadeiro professor há algo que escapa ao âmbito puramente técnico, procedimental e não pode ser propriamente aprendido.

Para quem observa os principais estudos de JP, não é surpresa perceber a sua especial atenção à realidade do amor. Afinal, para ele não há dúvida que o amor, a suprema de todas as virtudes, ilumina todas as outras (tanto as virtudes cardeais, como as teologais).

Mas, afinal, o que é amor? Em seu estudo rigorosamente dirigido ao tema JP refere-se a uma questão extremamente complexa da linguagem, que atinge, sobretudo a língua alemã, que condensa todos os tipos de amor num único termo - *Liebe*.

Para JP, o amor é o ato fundamental da vontade, pois quem ama tem como primeiro e mais profundo desejo que o amado exista e viva. O amor é um tipo de querer, uma forma de vontade, aprovação, um dizer “sim” que brota da verdade de que o ser humano é criação (*creatio*).

Esta, apesar da diversidade de enfoques com que bibliotecas inteiras em todo mundo tenham trazido o assunto, é uma espantosa e surpreendente unanimidade. Mas este é o primeiro aspecto que há de comum, de coincidente, entre todas as formas de amor. Há outro aspecto tão relevante quanto o primeiro (quem ama quer que o amado exista e viva) que é o amor voraz, aquele que tudo exige e tudo

necessita. É o aspecto do amor que se apresenta como apetite, ora mais nobre, ora mais vulgar – um amor-próprio disfarçado, que espreita receber recompensa.

Uma das questões mais profundas sobre a educação para o amor apresentada por JP é: faz mesmo diferença o fato de alguém ser amado ou não? JP responde dizendo que se considerarmos bem a questão, não deixa de ser surpreendente que ao homem não baste o puro e simples existir, o que, afinal, em todo caso já lhe é dado, independentemente de qualquer outra coisa, independentemente inclusive de que alguém se volte para ele e lhe diga: “Que bom que você existe!”. Entretanto, é justamente desta confirmação explícita que carecemos. Além do puro existir, necessitamos também de ser amados. Não basta amar, é preciso sentir-se amado. Querer ser amado é uma necessidade, diz JP. E, para demonstrar essa verdade, traz dois breves, mas valiosos relatos. O primeiro é uma interessantíssima experiência feita pelo psicólogo René Spitz e o outro é uma referência de raríssima intuição do psicólogo Erich Fromm, que aqui transcrevemos:

Ao que parece, para a criança, e na verdade até para o nascituro, ser amado é literalmente *a* condição para a formação do próprio ser. São bem conhecidas as pesquisas realizadas pelo psicólogo René Spitz, em que se estuda comparativamente, por um lado, crianças que nasceram na prisão, sendo criadas e amamentadas pelas próprias mães detentas, e,

por outro lado, crianças de creches americanas, que, em condições higiênicas perfeitas, receberam assistência de *nurses* muito bem formadas. Qual foi o resultado desta pesquisa comparativa? Bem, as crianças criadas pelas suas mães estavam incomparavelmente melhor, tinham muito mais resistência a tudo que diz respeito a mortalidade, doenças, crises nervosas, etc.! Ou seja, parece que não basta ao ser humano receber alimento suficiente, não passar frio, ter um abrigo e dispor de tudo aquilo de que precisa para a satisfação das suas necessidades materiais de sobrevivência. Afinal de contas, as crianças do orfanato recebiam tudo isto em abundância; recebiam o *leite*, mas não o *mel*. O recurso à imagem bíblica da terra prometida, da que mana leite e mel, encontra-se no sociólogo e psicólogo, radicado nos Estados Unidos, Erich Fromm. *Leite*, para ele, é a essência daquilo de que necessitamos para a satisfação das necessidades materiais; enquanto o *mel* simboliza, para, além disso, o lado doce da vida, a felicidade de existir. Isto, no entanto, só nos é conferido quando alguém nos diz, verbalmente ou não: “Que bom que você existe!”, o que, ao que parece, não era o caso das crianças da creche.⁶

⁶ PIEPER, Crer, esperar e amar. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm> Acesso em: 26 de jul. de 2014.

E em outro estudo JP, a propósito do mesmo caso analisado por Spitz, JP conclui:

Esta, sem dúvida, é uma atitude interior que não pode ser exigida de ninguém como cláusula de um contrato de trabalho. O amor é, por natureza, não-devido. Ele é essencialmente e sempre, uma dádiva. No sentido exato, pura e simplesmente *a dádiva, o dom* por excelência: como afirmou Tomás de Aquino: “O amor é o dom fundamental e qualquer outra coisa imerecida que possamos receber, torna-se uma dádiva apenas por meio do amor”.

(www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm)

Com isto JP chega a mais uma estonteante constatação: que o descrédito geral que se percebe do desejo de ser amado é, possivelmente, mais uma das centenas de máscaras que encobrem aquela pretensão de ser como Deus. Os fatos existenciais fundamentais revelam que desejar ser amado não só é legítimo como também totalmente necessário e que, num sentido ainda mais profundo, que só podemos amar por termos sido amados antes. Que o caráter multifacetado do amor, de uma gradação ordenada do amor humano e daquela atitude interior que sempre reaparece em todas as formas de amor: “*É bom que você exista!*” é uma forma de repetição, de reprodução do ato criador divino, a força pela qual todo o existente no mundo não só existe, mas também é, ao mesmo tempo, algo bom, isto é, algo digno de ser amado.

A educação para o amor em CSL

A visão educacional de CSL pode ser percebida em quase todas as suas obras e é o corolário de outros conceitos fundamentais que defende e que formam sua (cosmo)visão sobre Deus, o mundo e a realidade humana. Não é por acaso que a maior parte das suas obras possui grande alcance pedagógico, cujo objetivo central é a criação de modelos capazes de representar a realidade humana, demonstrando-a de forma menos dualista e menos distorcida. Sua preocupação era estabelecer modelos que pudessem garantir um projeto pedagógico com perspectiva antropológico-filosófica clara. A época de CSL carecia de uma proposta assim. A nossa parece não ser diferente.

CSL estabelece como fundamental a concepção e o reconhecimento de que há diferenças entre professor e aluno, como também diferenças entre os próprios alunos. Que é falsa a educação que nivela todos os participantes do processo educacional, pois, sempre que o faz, os nivela por baixo. CSL critica a pedagogia que se auto intitula como democrática e alerta que o sistema educacional sofre a influência do espírito do “*eu sou tão bom quanto você*”. O conceito é atualíssimo e, na opinião do nosso autor, é uma das estratégias dos infernos contra as pretensões do “Inimigo” (Deus).

Nessa terra promissora, o espírito do *eu sou tão bom quanto você* já passou a ser algo mais do que uma influência puramente social. Ele começa a se infiltrar no sistema educacional.

Não posso dizer com certeza até onde ele foi no presente momento. E isso tampouco importa. Uma vez que vocês captarem a tendência, poderão facilmente prever seus desdobramentos futuros; especialmente se nós mesmos desempenharmos um papel nesses desdobramentos. O princípio básico da nova educação é que os alunos lentos e vagabundos não devem sentir-se inferiores aos alunos inteligentes e esforçados. Isso seria “antidemocrático”. Essas diferenças entre os alunos – porque elas são, muito obviamente, diferenças *individuais* – precisam ser disfarçadas. Isso pode ser feito em vários níveis. Nas universidades, as provas devem ser elaboradas e tal forma que quase todos os alunos consigam boas notas. Os vestibulares devem ser feitos para que todos ou quase todos os cidadãos possam entrar nas universidades, quer tenham a capacidade (ou o desejo) de se beneficiarem com uma educação superior, quer não. ...Resumindo, não é absurdo esperar pela abolição praticamente total da educação quando finalmente o *eu sou tão bom quanto você* sair vitorioso. Todos os incentivos para aprender e todas as penalidades para a ausência do desejo de aprender desaparecerão. Os poucos que quiserem aprender não poderão fazê-lo; afinal, quem são eles para se destacarem entre seus colegas? E, de qualquer modo, os professores – ou devo dizer “babás”? – estarão

excessivamente ocupados tranquilizando os ignorantes e dando-lhes tapinhas nas costas para perderem tempo ensinando de verdade. Não precisaremos mais ter de planejar e trabalhar arduamente para espalhar a arrogância serena ou ignorância incurável entre os homens. Os próprios vermezinhos farão isso por nós.⁷

Em *Cristianismo puro e simples*, CSL deixa ainda mais evidente a sua posição da importância da diferença entre professor e aluno. Discorda que se estabeleça uma espécie de “igualitarismo” entre professor e aluno, ou que se imponha artificialmente que não há qualquer diferença entre aquele que ensina e aquele que aprende.

O professor é capaz de ajudar as crianças a formar as letras porque é adulto e sabe escrever. Evidentemente, para o professor é fácil escrever, e é essa mesma facilidade que o habilita a ajudar a criança. Se ele fosse rejeitado com a desculpa de que essa tarefa “é fácil para adultos”, e a criança quisesse aprender a escrever com outra criança igualmente analfabeta (o que anularia qualquer vantagem “injusta”), o progresso dela não seria lá muito rápido. Se eu estivesse me afogando numa corredeira, um homem que tivesse um dos pés solidamente plantado na margem do rio poderia estender a mão e salvar-me a vida. Será que eu

⁷ Cartas de um diabo a seu aprendiz, p. 195 et. seq.

deveria (entre um engasgo e outro) gritar: “Não! Isso não é justo! Você tem uma vantagem! Ainda está com um dos pés em terra firme!”? A vantagem — chame-a de “injusta”, se quiser — é o único motivo pelo qual esse homem me pode ser útil. Em quem buscaremos socorro, senão em alguém mais forte do que nós?⁸

A posição lewisiana é a de que o compromisso da educação, antes de qualquer outro, é com a verdade, pois, antes de ser útil, a educação deve ser verdadeira. Por isso a sua maior preocupação é com a educação moral, com a defesa de princípios fundamentais, firmemente apegados à realidade. E realidade verdadeira é aquela que resgata o valor do ser humano perante o mundo.

A aguda percepção educacional de CSL está fundamentada numa visão de mundo que considera como origem última da ação humana um dado pré-estabelecido, que, também vimos, ele chama de Tao. O Tao, diz ele, pode ter outros nomes. Pode ser chamado de Rta (como no hinduísmo primitivo), de Lei (como no antigo judaísmo), de Via ou de Razão (como na filosofia grega), ou de Caminho (como no cristianismo). Nisso — como em outros aspectos da sua antropologia filosófica — CSL está firmemente apegado à tradição clássica, cuja convicção é retratada de maneira simples como em Aristóteles que dizia que o objetivo da educação é fazer com que o aluno goste e desgoste do que é *certo* gostar e desgostar e como em Platão que dizia que o animalzinho humano não terá logo de cara as reações certas.

⁸ Cristianismo puro e simples, p. 26.

Ele deve ser treinado para sentir prazer, agrado, repulsa e ódio em relação às coisas que realmente são prazerosas, agradáveis, repulsivas e odiáveis.⁹ Uma boa educação, por isso, deve moldar alguns sentimentos e extirpar outros, pois um mundo onde cada qual constrói sua própria verdade é um mundo esquizofrênico. A inteligência humana se alimenta da verdade dos objetos que conhece. Se é forçada a criar verdades de dentro para fora, entra em colapso e passa, ele própria, a dar vida às coisas, o que é o mesmo que colocar-se no lugar de Deus – ou “tornar-se como deuses”.

Portanto, para CSL – e é plenamente razoável acompanhá-lo também neste ponto – o problema educacional é bem mais profundo do que possamos imaginar. Dependendo da posição que adotarmos (a educação antiga que preza e se fundamenta no “Todo”, no Tao, ou a educação nova que se apega a uma teoria subjetivista de valores), será essa a maneira como enfrentaremos todos os desafios da ação educativa.

[...] o problema educacional é completamente diferente dependendo da posição que se adota: dentro ou fora do Tao. Para aqueles que estão dentro, a tarefa é treinar os alunos para que desenvolvam as reações em si mesmas apropriadas, quer eles as tenham quer não, e construir aquilo que constitui a verdadeira natureza humana. Aquelles que estão fora, se agirem com lógica, deverão considerar todos os

⁹ Ibid., p. 10.

sentimentos como igualmente não-rationais, como meras névoas entre nós e os objetos reais. Em consequência, eles devem ou se empenhar em remover todos os sentimentos, tanto quanto possível, da mente dos alunos, ou então encorajar sentimentos por razões que nada têm a ver com sua “justiça” ou “pertinência” intrínsecas. Esta última opção os compromete com o questionável processo de criar nos outros, por “sugestão” ou por feitiço, uma miragem que suas próprias capacidades racionais já conseguiram dissipar. A antiga lidava com os alunos da mesma maneira como os pássaros crescidos lidam com os filhotes quando lhes ensinam a voar; a nova lida com eles mais como o criador de aves lida com os jovens pássaros — fazendo deles alguma coisa com propósitos que os próprios pássaros desconhecem. Em suma, a educação antiga era uma espécie de propagação — homens transmitindo a humanidade para outros homens; a nova é apenas propaganda.¹⁰

Nessa mesma linha de pensamento CSL, diz que é impossível que valores subjetivos permaneçam subjetivos. Em todos os âmbitos da vida social mas, sobretudo num projeto educacional de qualquer proporção ou alcance, eles (os valores ditos subjetivos) desejarão e defenderão com todas as suas forças a objetividade dos seus argumentos.

¹⁰ A Abolição do homem, p. 11.

Precisamente por isso que para CSL o projeto que melhor pode dar conta dos desafios educacionais é aquele que considera essencial traduzir em literatura imaginativa aquilo que se aprendeu pela experiência concreta, sempre fundamentada no Tao, e fazer com que o estudante capte aquilo que está além da letra morta, daquilo que a imaginação o faz pensar.

C. S. Lewis e J. Pieper – aproximações e convergências na educação para o amor

É atribuída a Sócrates a sentença de que os filósofos têm garantia de trabalho mesmo depois da morte. De fato, nada como verdades atemporais para nos fazer pensar. Pensamentos profundos de pensadores cujas verdades não envelhecem jamais. É o que vemos em JP e CSL. O reaparecimento constante de certas ideias básicas em comum nos dá, enquanto os lemos, a sensação de afinidade, de unidade de pensamento. Como veremos, JP e CSL estão de acordo em muitos pontos filosóficos essenciais.

CSL e JP defendem que há uma certa maneira de ver as coisas que as deixa mais em foco, iluminando as sombras e permitindo que se veja uma unidade em tudo o que nos rodeia; que há uma ordem moral mais profunda dentro do universo. Não se trata de inventar bondade ou sentido, mas de discerni-los. Tanto CSL como JP, inspirados em G. K. Chesterton (e em inumeráveis outros grandes autores, pois têm a mente cristã moldada pela herança clássica sólida de

Platão, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino), registram a firme convicção de que saber que existe um significado mais profundo torna a vida mais interessante. Quando vejo o outro, o próximo como alguém amado exatamente como também eu sou, abre-se, a partir dessa perspectiva, um novo horizonte para a vida; a vida entra em foco e o olhar passa a ser de límpida esperança, pois toda esperança – diz JP – se alicerça na convicção de que: “tudo vai terminar bem, tudo terá um final feliz” (*es wird gut ausgehen, es wird ein gutes Ende nehmen*). Para CSL e JP no amor e no ato educativo nega-se a morte, porque quem ama deseja que o amado viva para sempre, exatamente como num conto de fadas. E viveram felizes para sempre! Embora não terminem textualmente assim alguns livros de CSL, esse é o sentido cabal da mensagem que encerram.

É impossível não ficar maravilhado com isso. É impossível não ter uma sensação de júbilo e, ao mesmo tempo, é impossível não perceber que não somos a *causa sui*, não perceber que a existência é um milagre. E é impossível que não se tenha, então, um sentimento de gratidão e amor pela fonte de onde surgimos – a fonte que não se conhece (pelo menos ainda não perfeitamente) e também não se vê, mas que sabemos estar lá. “Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido”.¹¹

É precisamente por isso que CSL e JP questionam e rebatem qualquer relativismo moral. Para eles, um mundo

¹¹ Primeira carta de Paulo ao Coríntios 13.12.

onde cada qual constrói sua própria verdade é um mundo esquizofrênico. Como a inteligência humana se alimenta da verdade dos objetos que conhece, entra em colapso quando é forçada a criar verdades de dentro para fora, sua própria consciência passa a dar vida às coisas, o que é propriamente tornar-se como deus. É de CSL esse interessantíssimo exemplo:

Todos já tivemos essa experiência com as contas de aritmética. Quando erramos uma soma desde o início, sabemos que, quanto antes admitirmos o engano e voltarmos ao começo, tanto antes chegaremos à resposta correta. Não há nada de progressista em ser um cabeça-dura que se recusa a admitir o erro. Penso que, se examinarmos o estado atual do mundo, é bastante óbvio que a humanidade cometeu algum grande erro. Tomamos o caminho errado. Se assim for, devemos dar meia-volta. Voltar é o caminho mais rápido. (LEWIS, 2005b, p. 17).

O que CSL e JP sugerem como antídoto para um mundo que “pegou o bonde errado”, que distorceu o amor e sofre de profundo esvaziamento ontológico é exatamente **fazer lembrar** que Deus dirige toda criatura racional a cada instante: que se resista à tentação de ignorar perguntas perturbadoras, vença o temor de estar enganado, aceite o convite da vida para crescer e refaça o caminho por causa da

verdade, e, talvez, até mesmo a própria natureza, se a verdade for a de que é necessário “nascer de novo”.

Por incrível que possa parecer, há um caráter profético no pensamento educacional dos nossos autores que são de grande relevância para os desafios educacionais ainda hoje enfrentados.

Sem cair numa espécie de casuística no campo educacional – postura que tanto prejuízo causa no campo religioso, onde a ética das virtudes é substituída pela ética dos deveres – CSL e JP procuram modelos capazes de orientar os rumos éticos da educação. Modelos que afirmam a objetividade dos valores humanos, que são tão variáveis quanto são absolutos, permitindo ao próprio estudante comparar, julgar e escolher a melhor conduta de uma forma menos subjetiva. Modelos capazes de representar a realidade humana de uma forma maravilhosa, que permitam que o estudante desenvolva, ele mesmo, uma visão de mundo e do universo antropológico plenos de sentido, modelos que nenhuma pedagogia pode deixar de usar.

Sabe-se que a filosofia – particularmente a antropologia filosófica – inclui como componente essencial a vocação pedagógica. Essa forte vocação de lançar luz sobre aspectos educacionais (que é de riqueza inestimável), acompanhou CSL e JP durante toda a vida. Isso é espantoso, porque poderiam nem sequer ter tocado no assunto, pois passaram pela dura e aterrorizante experiência das duas guerras mundiais do século XX. Poderiam com facilidade ter mergulhado o pensamento em total desconfiança, ter “entregado os pontos” e sua antropologia poderia ter sido

constituída de completo pessimismo e desesperança. Porém, não é isso que acontece. CSL e JP mostram-se permanentemente preocupados com a questão educacional e criticam duramente aquelas abordagens que pretendem suprimir nossos instintos mais profundos sobre certo e errado e abrem caminho para um insípido relativismo moral. Sabem perfeitamente o quanto aquilo em que acreditamos tem enorme impacto sobre nossos valores e ações. Ambos ridicularizam a educação que não busca abraçar o bem por um lado e que não identifica e rejeita o mal por outro. Questionam profundamente uma educação que não se pergunta com seriedade sobre qual é o seu propósito. E desconfiam de quem negligencia a sabedoria do passado. Concluem que, embora as pessoas anseiem por líderes virtuosos e dignos de confiança, a educação moderna joga no lixo essas qualidades por afirmar o relativismo moral. Nas palavras do próprio CSL (2005a, p. 26): “Esse é o caráter tragicômico da nossa situação – tornamos a clamar por essas mesmas qualidades que tornamos impossíveis [...] numa mórbida ingenuidade extirpamos o órgão e exigimos sua função”.

CSL e JP estão convencidos de que a educação atual (embora estejam falando do século XX, podemos perfeitamente dizer o mesmo em relação aos dias atuais), está mais preocupada em instrumentalizar do que em educar. A educação tomou o caminho da utilidade em vez de o da virtude. Há mais preocupação em dar “funções” à educação do que em descobrir o sentido da vida, de tornar as pessoas boas e de buscar fazer diferença para o outro. A educação passou a ser “algo” para uma fase da vida que possa garantir

emprego e não uma meta para a vida toda. Nossos autores estão profundamente preocupados em resgatar a educação que tenha como propósito tornar as pessoas boas e sábias e não apenas em adquirir conhecimentos e habilidades. Defendem uma educação mais clássica, mais “antiga”, cujos valores mais profundos não se desfazem como bolhas de sabão no ar empurradas pelos ventos do historicismo que argumenta que as coisas novas são melhores apenas por serem novas.

Outro aspecto importante para o qual nossos autores chamam a atenção é que as religiões em geral podem facilmente – por serem entes presumivelmente insuspeitos – ser também as que mais estão sujeitas a grandes distorções e perversões do amor e, por consequência, as que mais fomentam inadequações profundamente prejudiciais no campo educacional. Sempre aquilo que mais se aproxima da verdade é também aquilo que mais nos pode enganar, pois, como já dito anteriormente, os amores humanos tendem tanto mais a se tornarem diabólicos, quanto mais se pretendem divinos. Eles contêm o germe da mentira, pois tudo aquilo que tem aparência de verdade, incluindo o amor humano, quando elevado a soberano absoluto da vida humana, transforma-se num demônio. E um amor absolutamente desprendido, radicalmente altruísta pode escorregar perigosamente para uma coisificação do amor. CSL e JP chamam a atenção também para o fato de que quanto menos eu tentar achar um absoluto na vida, mais eu deixo Deus no seu devido lugar – deixo Deus ser Deus. Para eles não é bom que estejamos o tempo todo desejando ser anjos, é melhor que sejamos gatos de rua. Deus nos dá certos “remédios” para

que não sejamos tentados a fazer das coisas – também do amor e, sobretudo, dele – Deus. É sábio, por isso, que mantenhamos uma saudável tensão entre o apego e o desapego. Quando nos apegamos às coisas como se fossem realmente nossas, como se pudéssemos preservar algo para sempre, não as vemos como simplesmente emprestadas e não mantemos a concepção de finitude – de transitoriedade – essencial também para a educação. A forte tendência ao racionalismo presente no pensamento teológico e filosófico hoje pode ser precisamente o que nos impede de sermos felizes. A liberdade, o poder e o valor verdadeiramente humanos estão no fato de sabermos o tempo todo que nada é nosso, que sempre haverá aspectos incognoscíveis e indeterminados e que as essências das coisas sempre nos serão inacessíveis em sua plenitude. CSL (2013, p. 181) diz que “somos apenas espelhos cujo brilho – se é que o temos – deriva inteiramente do Sol que resplandece sobre nós”.

Talvez o segredo da vida seja mesmo o de agir como Penélope (símbolo da mitologia grega do amor que não se cansa de esperar), que, enquanto esperava o amado Ulisses, fez e desfez diariamente o “tecido da vida”. Talvez seja mesmo esse o *middle point* da caminhada humana. Para não cair no grave equívoco de querer ser tudo (cúmulo do orgulho), ou, então no outro extremo, de não querer ser nada (cúmulo do desespero e da apatia), que sejamos somente aquilo que o fomos convidados a ser: Pessoas à espera do *grand finale*, do último acorde da “ópera da vida”. Então veremos aquela grandeza que sempre permaneceu para além da cortina dos sentidos e diremos adeus à “terra das sombras”

(Shadowlands), para contemplarmos face a face Aquele de quem agora somos apenas “imagem e semelhança”.

É importante que mantenhamos a percepção de que o equilíbrio da vida é o da bicicleta, ou seja, o do movimento, do estar a caminho, do devir. Que a vida e todas as coisas a ela ligadas estão sempre em estado de incompletude, de provisório. Nada está finalizado, mas em constante estado de rascunho. Por isso é necessário manter a atitude à qual somos convidados por JP: A de “*Offenheit für das Ganze*”. Muitos pensadores – como também muitos educadores – sofrem do grande mal da falta de “abertura para o todo”, da leitura estreitada de mundo, como se pudessem abarcar e definir cabalmente o ser das coisas, mal que facilmente atinge a todos. Até mesmo o filósofo do fluxo vital, Henri Bergson, demonstrou inconsistência nesse ponto, pois, mesmo sendo inimigo declarado de toda clausura racional, poucos anos antes de sua morte declarou oficialmente encerrado o seu labor filosófico, dizendo que seu pensamento estava expresso de maneira acabada e definitiva nas suas obras publica-das. Outro aspecto importantíssimo e permanentemente presente no pensamento dos nossos autores é a questão da afirmação da vida, da aprovação diante do existir. Tema recorrente na obra de JP e CSL e da mais alta importância para esta pesquisa, sobretudo quando falamos da difícil questão da falta de amor no ato educativo, é muito bem ilustrado por René Spitz nesta passagem:

Crianças que não recebem amor são emocionalmente mutiladas. As relações que

elas são capazes de formar mal alcançam o nível de identificação e dificilmente vão além disso, porque elas nunca foram capazes de realizar a relação primeira, a mais elementar, a relação anaclítica com a mãe. A indigência dessas crianças traduzir-se-á na aridez das relações sociais do adolescente. Privados do alimento afetivo que lhes era devido, seu único recurso é a violência. O único caminho que permanece aberto para eles é a destruição de uma ordem social da qual são vítimas. Crianças sem amor terminarão como adultos cheios de ódio. (SPITZ, 2004, p. 306).

Outro aspecto de aproximação e convergência de pensamento em nossos autores, de extraordinária relevância para a educação, é que o genuíno professor, tem a atitude do filosofar: tem abertura à verdade das coisas, admira-se sempre de novo com a realidade e se mantém continuamente jovem pela identificação amorosa com os que começam e com os que persistem em recomeçar sempre de novo. Aceita a sublime graça que lhe foi dada na missão educativa e não tem medo de ser tão grande como realmente está chamado a ser e de que Deus o tenha elevado ao plano da filiação divina. Recorda, lembra que a educação tem, sobretudo, uma atitude filosófica. Tal como a atitude filosófica, a educação “*não pode omitir nada*” (“*nichts auslassen*”); não cai na tentação de adotar a posição do cientista (cuja atenção está apenas num recorte da realidade) que é a de “*não deixar passar nada*” (“*nichts durchlassen*”). Por isso, a boa educação é

essencialmente crédula – *we believe because we love* – e tem a firme resolução de não encobrir nada, mesmo que não seja exatamente observável ou comprovável.

Considerações finais

Acenamos para o mais grandioso desafio do ato educativo: educar para as virtudes, sobretudo, reaprender o abc, o léxico do amor, alimentar a certeza de que a vida é afirmação/aprovação, criaturidade e manter, ao mesmo tempo, um coração inteligente e uma inteligência cordial, ciente de que amar e fazer o bem é o fim de todo agir humano e que os amores humanos sempre serão meras analogias, extensões e prolongamentos do Amor Absoluto, o inventor de todos os amores.

Referências

LAUAND, Jean. A doutrina da participação na estética clássica. A obra de um pintor “brasiliano”. **Revista Internacional Humanitats**, nº 2, 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/rih2/pennac.htm> . Acesso em: 2 fev. 2014.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

211

_____ **A Abolição do Homem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2005

_____ **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009

PIEPER, J. “Amor” in **Crer, esperar e amar**. Notandum. São Paulo, n. 4. 1999. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/notand4/crer.htm>. Acesso em: 2 abr. 2013.

_____ **Thomas von Aquin: Leben und Werk**. München, DTV. 1981.

SPITZ, René. **O primeiro ano de vida**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Publ. orig.: **Convenit Internacional 30** mai-ago 2019
Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto

Ausência (oni)presente

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço ! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. –” Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela agüinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende... (Guimarães Rosa 1976 pp : 20-21)

Frequentemente ante a perplexidade de tragédias – como as do 11 de setembro, tsunamis, furacões, massacres, crimes hediondos etc. – surge o problema da existência do mal: se Deus é o sumo bem, como explicar o mistério do mal (ou da maldade...)? Como Deus permite que inocentes sejam vítimas de crueldades?

Uma simples busca no Google indica meio milhão de sites contendo a pergunta “Where was God?” junto com a expressão “World Trade Center”! Não é de estranhar que

muitos deles remetam a um clássico bíblico: o livro de Jó, sempre evocado quando se discute o mistério do sofrimento dos justos.

Isso vale tanto para o sofrimento individual, como para o de nações ou épocas: Jó é o personagem que perpassa os tempos difíceis da Idade Média, já anunciado por Agostinho, quando contempla o saque de Roma pelos bárbaros em 410.

Para os romanos, um caso de impacto comparável ao do atentado ao WTC. Após séculos de perseguição, os cristãos, finalmente, são acolhidos e mais: o Império se torna oficialmente cristão... e pouco depois: Roma, a que fora invicta, é devastada por bárbaros...

A reação do romano Agostinho – e dos romanos em geral – é de perplexidade, que, no bispo de Hipona, dá lugar a uma reflexão sobre a teologia da História: a grandiosa obra *Sobre a Cidade de Deus*, precedida pelo célebre Sermão *De urbis excidio*, no qual chora por Roma: “Não, irmãos, não nego o que ocorreu em Roma. Coisas horríveis nos são anunciadas: devastação, incêndios, rapinas, mortes e tormentos de homens. É verdade. Ouvimos muitos relatos, gememos e muito choramos por tudo isso, não podemos consolar-nos ante tantas desgraças que se abateram sobre a cidade.” (Agostinho 2009, p. 22)

E, claro, a meditação sobre o livro de Jó; a citação é longa mas digna de reprodução, como uma espécie de paradigma para todos os tempos:

No entanto, meus irmãos (que vossa caridade preste especial atenção às minhas palavras), ouvimos a leitura do santo Jó, que perdeu tudo: os bens e os filhos. E até a própria carne - a única coisa que lhe restava - não lhe ficou sã, mas coberta por uma chaga da cabeça aos pés. Ele sentava-se no esterco, com as feridas podres, sofrendo a corrupção do corpo, cheio de vermes, torturado por tormentos insuportáveis (Jó 2.7).

Se nos tivesse sido anunciado que toda a cidade de Roma, vejam bem: a cidade toda, esteve sentada como Jó, sem nada sã, com uma chaga terrível, comida pelos vermes, podre como os mortos, não seria isto mais grave do que aquela guerra?

Penso que é mais tolerável sofrer a espada do que os vermes; jorrar o sangue do que destilar a podridão. Quando vemos um cadáver corrompendo-se, horrorizamo-nos; mas isso é atenuado pelo fato de estar ausente a alma.

Jó, porém, sofreu a corrupção em vida, com a alma presente à dor, a alma atada ao sofrimento, inclinada a blasfemar. E Jó suportou a tribulação e, por isso, elevou-se a uma santidade grande. Não importa o que um homem sofra, mas como ele se comporta no sofrimento. Ó homem, não está em tua mão sofrer ou não sofrer, mas sim se no sofrimento tua vontade se degrada ou se dignifica.

Jó sofreu. Só sua mulher lhe foi deixada e isso não para consolação mas para tentação; não para lhe suavizar os males, mas para aconselhá-lo a blasfemar: “Amaldiçoa a Deus, diz-lhe, e morre!”. Vejam como, para ele, morrer seria um benefício, mas esse benefício ninguém lho dava.

Todas as aflições que esse santo sofreu exercitaram-lhe a paciência, provaram-lhe a fé para refutar a mulher e vencer o diabo. Que grande espetáculo! Em meio da infecta podridão, brilha a beleza da virtude. Um inimigo oculto, que corrói seu corpo e uma inimiga manifesta que o quer induzir ao mal, mais companheira do diabo do que de seu marido; ela, uma nova Eva, mas ele, não já um velho Adão. “Amaldiçoa a Deus e morre!”. Arranca com a blasfêmia o que não podes obter com tuas preces. “Falaste, responde-lhe Jó, como uma mulher insensata” (Jó 2.10). Repara bem nas palavras desse forte na fé; desse que está podre por fora, mas íntegro por dentro.

“Falaste como uma mulher insensata. Se recebemos os bens das mãos de Deus, por que não receber os males?”. Deus é pai, e acaso havemos de amá-lo só quando nos agrada e rejeitá-lo quando nos corrige? Acaso não é Pai tanto quando nos promete a vida como quando nos disciplina? Esquecemo-nos do Eclesiástico (2.1,4 e 5): “Filho, quando te aproximas do serviço de Deus, permanece na justiça e no

temor, e prepara a tua alma para a provação. Aceita o que vier e suporta a dor, e na tua humilhação guarda a paciência. Porque o ouro e a prata se provam pelo fogo, mas os homens se tornam gratos a Deus pelo cadinho da humilhação”. Esquecemo-nos da Escritura? (Prov 3.12; Hbr 12.6): “Deus repreende aquele a quem ama; e castiga a quem reconhece como filho”.

Por acaso a debulhadora que lança ao ar a espiga para que se quebre não é a mesma que faz sair o grão puro? E o fogo que alimenta a fornalha do ourives e purifica o ouro das impurezas, não é o mesmo que consome a palha? Assim também a tribulação de Roma serviu para a purificação ou salvação do justo e para a condenação do ímpio: arrebatado desta vida para, com toda a justiça, sofrer mais penas; ou, permanecendo nesta terra, para tornar-se um blasfemador mais culpável. Ou ainda, pela inefável clemência de Deus, poupando para a penitência aqueles que, por ela, hão de salvar-se. Não nos confunda a tribulação que os justos sofrem; é uma provação, não a condenação.” (Agostinho 2009, p. 22-24)

Nessa linha, retomemos hoje o diálogo com Jó.

Por vezes, o modo usual de tratar a humanidade e o mundo é alterado pelo Criador. Jó é um exemplo clássico disso. Ele é uma espécie de herói sofredor com quem

nutrimos certa empatia. Sua história representa os sofredores de todos os tempos. Jó fala das suas infelicidades, da sua revolta contra Deus e de suas angústias. Em vários trechos a ênfase é que o ser humano convive com situações incompreensíveis e precisa render-se ao fato de não estar no comando e no controle de tudo e que nem sempre as certezas são os elementos mais importantes para uma vida equilibrada.

No capítulo 30 ele diz:

Já não tenho vontade de viver; o desespero tomou conta de mim. De noite os ossos me doem muito; a dor que me atormenta não para. Deus me agarrou pela garganta com tanta violência, que desarrumou a minha roupa. Ele me atirou na lama; eu não valho mais do que o pó ou a cinza. Ó Deus, eu clamo pedindo a tua ajuda, e não me respondes; eu oro a ti, e não te importas comigo. Tu me tratas com crueldade e me persegues com todo o teu poder. Fazes com que o vento me carregue e numa tempestade violenta me jogas de um lado para outro. Bem sei que me levarás à Terra da Morte, o lugar de encontro marcado para todos os vivos. Por que atacas um homem arruinado, que não pode fazer nada, a não ser pedir piedade? Por acaso, não chorei com as pessoas aflitas? Será que não tive pena dos pobres? Eu esperava a felicidade e

veio a desgraça; eu aguardava a luz, e chegou a escuridão...”¹²

A história de Jó tem algo que fascina. Porque a história de Jó é também a história de muitos ainda hoje. Parceiros de Jó, muitos continuam fazendo perguntas. Perguntas simples, mas que, diante do incompreensível e misterioso, reverberam no fundo da alma humana: “Ei! Será que tem um final feliz pra mim aí”?

Oramos e parece que Deus não responde; clamamos e ele parece permanecer mudo; imploramos, pedimos como mendigos, elevamos ao céu súplicas e não somos atendidos; não veio resposta, tudo ficou silencioso e as lágrimas continuaram rolando. São os tormentos íntimos que surgem à espera de respostas desde Adão, como esses expressos em forma de grito pelo salmista: *“Acorda, Senhor! Por que estás dormin-do? Levanta-te. Não nos rejeites para sempre? Por que te escondes de nós? Por que esqueces dos nossos sofrimentos e das nossas aflições?”*¹³ Será possível dizer algo para iluminar o mistério da ausência, do silêncio, do ocultamento de Deus na vida humana?

De saída é preciso dizer que ninguém pode falar do mistério de Deus sem cair na conta dos próprios limites e sem cair na conta também do próprio mistério. Quando expressamos a antiga máxima socrática “Conhece-te a ti mesmo” (Γνώθι σαυτόν) – que é um desejo que todos têm – esta sempre vem acompanhada da certeza de que até o

¹² Livro de Jó 30. 16-26 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹³ Salmo 44. 23 e 24 - Idem

conhecimento de si mesmo é algo que nunca acabamos de realizar – completada por aquela outra máxima atribuída ao mesmo Sócrates: “Sei que nada sei”.

Ora, se esta constatação já é inevitável em relação a nós mesmos, quanto mais em relação ao conhecimento de Deus!? Portanto, ninguém pode falar do mistério de Deus sem cair na realidade dos próprios limites e sem cair na realidade do próprio mistério. No entanto, o mistério de Deus é dizível, ou seja, respeitados os devidos limites do conhecimento humano, é, sim, possível falar sobre esse Deus misterioso. É respeito ao Criador, pois o ser humano foi criado inferior somente a Ele mesmo, conforme o Salmo 8: “...fizeste o ser humano inferior somente a ti mesmo e lhe deste a glória e a honra de um rei”.¹⁴ Esta consciência de enxergar a capacidade humana é coerente com toda a Escritura. Deus não sente ciúmes da inteligência humana; pelo contrário, dotou o ser humano de razão e de todos os sentidos e os conserva, fazendo com que a realidade criada seja o que é e possa ser percebida pelo ser humano, rei da sua criação. No Gênesis há uma ordem dada por Deus ao homem: “Governai e sujeitai a terra”, demonstração inequívoca de que, embora com limites específicos de ser criado, o Criador deu ao ser humano um lugar de destaque: a honra e a glória de um rei.

Mesmo que não se torne fenômeno (Deus não se deixa ver – ao menos não do jeito que podemos ver os entes criados), é espantoso como Deus se apresenta na Escritura. Por um lado, Deus se apresenta como misterioso, como

¹⁴ Salmo 8.5 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

escondido (onde não se pode ver), como segredo que não pode ser conhecido nem captado, compreendido ou explicado, por outro ele é um Deus que se revela e é pessoal. Não como uma força do mundo, uma força cósmica, mas como uma pessoa que se manifesta, que diz o que quer, que fala, que é Criador e Senhor do cosmos. O fato de Deus ser misterioso não se opõe a que Deus se revele, nem que se revele como mistério, como aquele que não pode ser possuído nem utilizado, nem tratado como um objeto sujeito à experiência ou problema matemático quantificável. Essa presença, que, ao mesmo tempo, se oculta em mistério e se revela de maneira pessoal, faz com que Jó perceba como um grande mistério. Como “só aos poucos o escuro é [se faz] claro”, no dizer de Guimarães Rosa,¹⁵ pretendemos apresentar uma resposta a esta questão tão profunda, mas também tão próxima da experiência de cada ser humano – da ausência (oni)presente de Deus –, a partir do ponto de vista teológico cristão com fundamentação em textos bíblicos. Deles, aos poucos, trazer alguma clareza sobre perguntas nada incomuns que sobrevêm até mesmo a quem não sofre tanta pressão na vida como sofreu Jó.

Entender Deus plenamente

Guiado pela mão de Deus, escreveu o profeta Isaías:

Quem mediu a água do mar com as conchas das
mãos ou mediu o céu com os dedos? Quem,

¹⁵ ROSA, J. G. Meu tio o Iauaretê. *Estas estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

usando uma vasilha, calculou quanta terra existe no mundo inteiro ou pesou as montanhas e os morros numa balança? Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos? Quem lhe deu lições ou ensinamentos? Quem lhe ensinou a julgar com justiça ou quis fazê-lo aprender mais coisas ou procurou lhe mostrar como ser sábio? Com quem Deus pode ser comparado? Com o que ele se parece?... Será que vocês não sabem? Será que nunca ouviram falar disso? Não lhes contaram há muito tempo como o mundo foi criado? O Criador de todas as coisas é aquele que se senta no seu trono no céu; ele está tão longe da terra, que os seres humanos lhe parecem tão pequenos como formigas.¹⁶

Também nesse sentido o apóstolo Paulo registrou (provavelmente recitando os textos de Isaías 40 e de Jó 41):

Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria. Quem pode explicar as suas decisões? Quem pode entender seus planos? Como dizem as Escrituras Sagradas: ‘Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos? Quem já deu

¹⁶ Livro de Isaías 40. 12-14. 18-22 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

alguma coisa a Deus para receber dele algum pagamento? Pois todas as coisas foram criadas por ele, e tudo existe por meio dele e para ele”.¹⁷

E ainda no mesmo livro o apóstolo escreveu: “*Mas quem é você, meu amigo, para discutir com Deus? Será que um pote de barro pode perguntar a quem o fez: por que você me fez assim?*”¹⁸

De fato, Deus é tão grande que não o compreendemos plenamente! Pois...

O estilo de Deus é viver escondido – na obscuridade

No livro do profeta Isaías isso fica bem claro: “*Tu verdadeiramente és um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador*”.¹⁹ Este ocultamento é glória para Deus conforme Provérbios: “*Respeitamos a Deus por causa daquilo que ele esconde de nós; e respeitamos as autoridades por causa daquilo que elas nos explicam*”.²⁰

Quando o templo de Jerusalém foi dedicado, o recinto encheu-se de uma nuvem espessa; foi então que Salomão explicou: “*Ó Senhor Deus, tu resolveste viver entre as nuvens escuras.*”²¹ É no paradoxo da nuvem escura durante o

¹⁷ Livro de São Paulo aos Romanos 11.36 – Idem

¹⁸ Livro de São Paulo aos Romanos 9.20 – Idem

¹⁹ Livro de Isaías 45. 15 – Tradução da Vulgata – Edições Paulinas, 1982

²⁰ Livro de Provérbios 25.2 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²¹ Livro de 2º Crônicas 6.1 – Nova Tradução na Linguagem de hoje - SBB

dia e iluminada durante a noite, como no êxodo dos israelitas, que Deus se revela e ao mesmo tempo se oculta. Ao despertar do sono, depois de ter visto a escada, Jacó exclamou: *“De fato, o Senhor Deus está neste lugar, e eu não sabia disso.”*²²

Só Deus sabe quantas vezes se repete em nossa vida: Ele estava lá *“e eu não sabia”*. A atividade de Deus, por vezes, está oculta ao homem, porém onipresente. Jó desola-se diante dessa presença oculta que é sentida como ausência: *“Eis que ele passa por mim, e não o vejo. Ele se vai sem que eu o perceba”*²³. Este é o mais “visível” e “palpável” regime da fé. Deus *“habita uma luz inacessível, o qual nenhum homem viu nem pode ver.”*²⁴ Quando Moisés desejou ver a face de Deus, recebeu a resposta: *“Não poderás ver a minha face, pois homem algum poderia ver e viver.”*²⁵ Esse é o estilo de Deus. Sábia é a atitude do homem que, pelo menos, experimenta observar as coisas – particularmente as questões aflitivas e inquietantes da vida – a partir do olhar alheio, nesse caso, a partir do olhar de Deus. Afinal, *“aquele que só conhece seu próprio lado da questão, pouco sabe dela”*.²⁶

Ainda incapazes de ver claramente

Colocados sob a cruz, na Sexta-Feira-Santa, os discípulos nada compreenderam. Achavam tudo aquilo um absurdo. Os dois discípulos que, no domingo pascal, iam para

²² Livro de Gênesis 28.16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²³ Livro de Jó 9.11 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²⁴ Primeiro Livro de São Paulo a Timóteo 6.16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²⁵ Livro de Êxodo 33.20 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

²⁶ John Stuart Mill, Da Liberdade, p. 32

Emaús, ilustram bem este fato. Receberam do Senhor ressuscitado - que ocultado andava com eles – um grande “puxão de orelhas” em relação ao “só creio vendo”: *“Como vocês demoram a entender e a crer em tudo o que os profetas disseram.”*²⁷ À luz da Páscoa tudo ficou claro! Isolada a cruz não tinha sentido, no conjunto, contudo, era absolutamente necessária. Assim também acontece muitas vezes na vida humana. Muitas situações, principalmente as aflitivas, quando Deus parece calar-se, quando dá a impressão de não escutar, quando pensamos que estamos totalmente abandonados, a ponto de gritar, como fez Jesus na cruz: *“Deus meu, Deus meu!”*, justamente então, quando nada entendemos, *pode ser que estejamos vivendo momentos altos e decisivos de nossa vida.* Enquanto no mundo, a cristandade está sujeita ao regime da fé, guiada pelo Criador, sim, mas, por vezes, sem ver nitidamente os seus propósitos. Por entre os altos e baixos, as virtudes e os pecados, as luzes e as sombras, os sorrisos e as lágrimas, Deus conduz os fios da história de cada ser humano. Como Deus consegue conciliar a liberdade humana com a sua ação para realizar exatamente seus planos, sobre isso não somos suficientemente informados. Deus costuma servir-se de meios insignificantes e até “loucas” para realizar seus desígnios. É emblemática a descrição do Apóstolo Paulo:

Deus não deixou que os seres humanos o conhecessem por meio da sabedoria deles. Pelo contrário, resolveu salvar aqueles que creem e

²⁷ Evangelho de Lucas 24.25 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

fez isso por meio da mensagem que anunciamos, a qual é chamada de “louca”. Os judeus pedem prova, e os não-judeus procuram a sabedoria. Mas nós anunciamos o Cristo crucificado – uma mensagem que para os judeus é ofensa e para os não-judeus é loucura. Mas para aqueles que Deus tem chamado, tanto judeus como não-judeus, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois aquilo que parece ser a loucura de Deus é mais sábio que a sabedoria humana, e aquilo que parece ser a fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana.²⁸

Uma belíssima descrição dos limites do conhecimento humano. A atitude e a ilusão de que o ser humano tem a possibilidade de ver tudo claramente, de dominar todas as coisas neste imenso universo é duramente golpeada. Fica exposta – parece não haver melhor demonstração que essa – a tolice das vaidades humanas. De uma só vez combate-se tanto o orgulho como o desespero, dois monstros que frequentemente assombram a consciência humana e a colocam na encruzilhada: “não preciso de Deus – sou a medida de todas as coisas!” ou “Nada, nem Deus, pode me ajudar!”.

Com razão a sabedoria popular diz que: “o futuro a Deus pertence”. Uma maneira simples de dizer que não há

²⁸ Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 1.18-24 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

controle absoluto sobre o futuro. Em “Cartas de um diabo a seu aprendiz”, C. S. Lewis diz:

Deus não quer que os homens ofereçam suas almas ao Futuro. O ideal de Deus é o homem que depois de ter trabalhado o dia inteiro pensando na posteridade (se essa for a sua vocação), logo depois esquece completamente o assunto e o deixa ao encargo do Céu, retornando imediatamente ao estado de paciência e gratidão que o presente exige. Nós [os diabos], no entanto queremos um homem atormentado pelo Futuro – assombrado por visões de um céu ou de um inferno iminentes sobre a Terra... e dependente por sua fé no sucesso ou no fracasso de planos cujo objetivo ele não viverá o suficiente para presenciar.²⁹

Portanto, de Deus sempre se saberá muito mais o que Ele não é do que aquilo que Ele é. Sempre haverá certa ignorância a respeito da sua livre e soberana ação no mundo, cujo desconhecimento poderá causar perplexidade e acionar a pergunta: where was God? Por isso, de Deus não se terá mais do que uma doura ignorância, conforme Santo Agostinho. Por ser mortal (todo homem está sujeito à lei da morte), nenhum ser humano será capaz de conhecer perfeitamente a realidade criada nem o próprio Criador. Assim, prudente ao homem é

²⁹ Cartas de um diabo a seu aprendiz, p. 75 e 76.

manter o equilíbrio entre o que sabe e o que não sabe sobre Deus, e mantê-lo como princípio orientador para a vida.

O Deus que simultaneamente se oculta e se revela

Em Cristo acontece a maior revelação de Deus e, ao mesmo tempo, seu maior ocultamento/ausência. O Deus infinito, absolutamente (ab-soluto – solto, livre de tudo e onipotente) eterno aparece como um de nós. Que tem mãe como nós. Que em tudo é igual a nós, menos no pecado (Hebreus 4.15). Em Cristo há – como brilhantemente descreve C. S. Lewis – “um Mestre de Cerimônias invisível em atividade”.³⁰ Esse “invisibilidade” de Deus só pode ser vencida pela fé.

Jó, depois de demorada discussão com Deus, discussão que às vezes culminava em blasfêmias, acabou humilde e respondeu a Deus:

Eu reconheço que para ti nada é impossível e que nenhum dos teus planos pode ser impedido. Tu me perguntaste como me atrevi a pôr em dúvida a tua sabedoria, visto que eu sou tão ignorante. É que falei de coisas que eu não compreendia, coisas que eram maravilhosas demais para mim e que eu não podia entender. Tu me mandaste escutar o que estavas dizendo e responder às tuas perguntas. Antes eu te

³⁰ Os Quatro Amores, p. 125

conhecia só por ouvir falar, mas agora eu te vejo com os meus próprios olhos. Por isso, estou envergonhado de tudo o que disse e me arrependo, sentado aqui no chão, num monte de cinzas.³¹

Ao mistério da ausência (oni)presente de Deus (aparente silêncio e ocultamento), portanto, por vezes é preciso responder com humilde e respeitoso silêncio. Não um silêncio vazio que necessita abdicar da razão, do sentido da realidade e da livre produção do conhecimento dentro dos seus limites, mas cheio de confiança porque sabe que nada pode separar o justo do amor e do cuidado de Deus, conforme palavra paulina:

Em todas essas coisas (tribulação, angústia, fome, perigo, espada, perseguição...), somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus.³²

³¹ Livro de Jó 42. 1-6 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

³² Carta de Paulo aos Romanos 8.37-39 – Tradução da Vulgata. Edições Paulinas, 1982.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO “A devastação de Roma (De urbis excidio)” in Lauand, João Sérgio (org.) *Temas e Figuras do Pensamento Medieval* São Paulo, CemorocFeusp, 2009, pp. 19-24.

BÍBLIA Sagrada. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, Ed. 2006.

BÍBLIA Sagrada. *Tradução da Vulgata – Pe. Matos Soares*. Ed. Paulinas, 1982.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

LEONEL, João. *Perguntas sem respostas?* São Paulo: Editora Reflexão, 2009.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *O Cristão Secularizado*. São Paulo: Ed. Vozes, 1970.

LEWIS, C. S. *Os quatro amores*. 2ª Ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

Martin Lutero e David Keirse

Enio Starosky
Vitor Chaves de Souza³³

Martin Lutero (1483-1546) foi um monge católico, sacerdote, professor de teologia e mundialmente conhecido como o precursor da Reforma Protestante no Século XVI. O seu perfil é um pouco ambíguo, mesmo sob a luz de pesquisas de ponta.

Segundo Roy Oswald e Otto Kroeger, Lutero tem o perfil NF.³⁴ Neste perfil algumas de suas virtudes aparecem: a sua constante busca por competência e conhecimento; necessidade pela explicação e exposição das ideias; valorização da justiça e teorias justas; medo de não conseguir concretizar o seu trabalho pelo qual sente-se chamado; e, talvez uma das mais marcantes, uma espécie de julgamento misturada com ação.³⁵

Não é difícil inferir o recorte do perfil de Lutero quando temos em mente a sua biografia e, sobretudo, a importância de seu papel histórico em virtude do cenário de

³³. [atualmente, 2024] Professor do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba.

³⁴ “Take a look at the persons we believe belong in the NF category on this score: Jim Jones, Ronald Reagan, Adolf Hitler, Abraham Lincoln, Joan of Arc, Martin Luther, and Pope John XXIII.” Cf. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1988, p. 85.

³⁵ Cf. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 82.

sua época.³⁶ Lutero foi monge agostiniano³⁷ e assemelha-se ao perfil de Santo Agostinho - que também é NF.³⁸

Como um bom NF ele é intuitivo e está em constante busca de seu *self*.³⁹ Curiosamente, segundo Roy Oswald e Otto Kroeger, um em cada dois líderes protestantes são NF.⁴⁰ Lutero não é exceção.



www.anhalt-dessau-wittenberg.de/en/staedte-sehenswuerdigkeiten-landschaften/martin-luther

³⁶ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 180.

³⁷ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 45.

³⁸ Cf. MARIAS, Julián "Agostinho". *International Studies on Law and Education*. São Paulo: Feusp 2001, N.3. <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

³⁹ Cf. é possível inferir por conta de suas orações matinais, sua devoção e os casos de alucinação da visitação do demônio. McGRATH, Alister E. *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough*, 1990, p. 57.

⁴⁰ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 82.

Enquanto clero NF, Lutero aspira a mudança do mundo e dos indivíduos pelo conhecimento e pelas relações justas. Há uma motivação para o lado T (Thinking), mas o F (Feeling) aparece mais forte pela idealização de mundo e a descrição artística e metafórica deste mundo.⁴¹ Os escritos de Lutero não são apenas teológicos, mas também artísticos e poéticos.⁴² Todos os hinos compostos por Lutero têm um forte apelo penitencial e existencial. O seu compromisso com o sacerdócio o levou a perseguir mudanças estruturais no cristianismo conforme a sua consciência. A sua disposição é, conforme Roy Oswald e Otto Kroeger, um traço F para a alteridade e o êxito do trabalho — e de sua personalidade!⁴³

Certamente o traço J (Judging) é mais forte em Lutero por conta de suas vantagens emocionais e afetuosas sobre os demais companheiros (até mesmo sua esposa) com traço P (Perceiving).⁴⁴

A sua liderança permite a ousadia das cartas ao Papa e a publicação das 95 teses. Se ele fosse um SP, provavelmente, ele não desencadearia os movimentos de reforma que o sucederam. O seu temperamento NF, como um bom agostiniano, segundo Roy Oswald e Otto Kroeger,

⁴¹ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 84.

⁴² Por exemplo, suas poesias e hinos, disponíveis em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/martim-lutero-hinos>

⁴³ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 84.

⁴⁴ Tanto que, neste caso, o seu professor e amigo Andreas Karlstadt, mesmo com traços de P, não se rende à sedução do pensamento de Lutero. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 84.

transforma a oração em ação⁴⁵, mesmo com um olhar sensível para os sentidos da vida escondidos nas sombras dos relacionamentos.

O temperamento de Martim Lutero segundo os tipos psicológicos de David Keirse pode ser traçado, portanto, em INFJ. O seu lado introvertido, aliado à contemplação metafórica do mundo, como dos NFs, tornou Lutero distante do cotidiano, sobretudo em momentos contemplativos, de modo que sua esposa teve que liderar a casa (incomum para a sociedade da época).⁴⁶

Diferentemente de Tomás de Aquino, que pretendeu um sistema teológico completo, Lutero se inclinou à uma ideia de teologia verdadeira e vivencial, “o lugar da verdadeira teologia”⁴⁷. Sua motivação é mais moral do que dogmática. A teologia especulativa, *theologia sceptica*, de Erasmo, é tida por diabólica e infernal, pois, para ele, “afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom”⁴⁸, permite ao traço J um rigor comportamental aliado à uma piedade autêntica: “a glória e o poder do reino de Cristo estão ocultos e não podem ser reconhecidos, a não ser que se revelem ao ouvido pela palavra da pregação”⁴⁹. Tal piedade habita a esfera da introversão com apelo para uma conduta cristã.

⁴⁵ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 92.

⁴⁶ TUCKER, Ruth. *A primeira-dama da reforma*, 2007, p. 92.

⁴⁷ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 180.

⁴⁸ LUTERO, Martim *apud* EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 182.

⁴⁹ LUTERO, Martim. 4,450,39-451,27 (1513/15) *apud* EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 84.

Lutero não abriu mão de sua interpretação do *logos* cristão, de tal modo que, em uma de suas teses, não é possível ao cristão ser cristão se este não encontrar na centralidade da cruz o seu escândalo mais desafiador⁵⁰; algo como o *thaumazein* — o espanto — da filosofia grega. *Crux sola est nostra theologia*, “a cruz somente é a nossa teologia”⁵¹, disse Lutero, sem abrir mão, mesmo sob o julgamento da excomunhão. Isso o levaria, a saber, a um estado J sem precedentes, mesmo com sua inclinação pastoral e monástica. Apesar da introversão, há, em Lutero, um traço ativo e pouco contido do questionamento e do confronto, tendo ofendido o próprio pai, desafiado a liderança da igreja e até mesmo discutido com sua esposa.⁵²

Em suma, sendo um INFJ, Lutero idealizou, sonhou e pregou. Não viveu para ver a sua idealização de mundo concretizada. Como muitos INFJs deixou um legado e, para outros INFJs, sensibilizados pela religiosidade protestante, serve de inspiração e reforço dos traços de seus próprios tipos.

Referências

EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1986.

⁵⁰ LUTERO, Martim, tese 21 do Debate de Heidelberg, *apud* WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, 2008, p. 96.

⁵¹ WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, 2008, p. 49.

⁵² TUCKER, Ruth. *A primeira-dama da reforma*, 2007, p. 143.

ERIKSON, Erik. *Young Man Luther*. New York: W. W. Norton & Co., 1958. 288pp.

KEIRSEY, David; BATES, M. Please understand me. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

MARÍAS, Julián ‘Agostinho’. *International Studies on Law and Education*. São Paulo: Feusp 2001, N.3.
<http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

McGRATH, Alister E. *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough*. San Francisco: Wiley-Blackwell, 1990.

OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1988.

TUCKER, Ruth. *A primeira-dama da reforma: A extraordinária vida de Catarina von Bora*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2007.

WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.

**Publ. orig.: Convent Internacional 29 jan-abr 2019
Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto**

A tipologia de David Keirse e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ

Os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseiana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuterônimo e outro, do Profeta Ezequiel.

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuteronômio 6.5.⁵³ O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu *coração*, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseiana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de Keirsey – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirsey com os 4 evangelhos (à

⁵³ O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Mateus, o SJ.

Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a “esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja uma concordância de que os dois sejam N. Seja como for, uma breve observação do próprio Keirsey (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

A noção de que a humanidade tem quatro faces, de fato, também parece estar em evidência no mais importante conjunto de livros do Novo Testamento, os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Acreditamos que não é por acaso que sejam *quatro*, escritos em *quatro* estilos diferentes por *quatro* personalidades muito diferentes. Por que a Igreja primitiva incluiu no Novo Testamento *quatro*

evangelhos? Por que os pais da igreja não integraram os vários relatos de Jesus em uma única narrativa? É provável que nunca saberemos ao certo, mas Irineu, Bispo de Lyon, baseou sua explicação (em 185 dC) sobre o que parece ser a suposição comum na teologia cristã: que, uma vez que “a criatura viva é quadriforme... O Evangelho também é quadriforme” (*Adversus Haereses*, iii, II, 8). Estudiosos do assunto respondem a essa questão de diferentes maneiras. Um deles, J. David Bersagel (2019), afirma que cada evangelho surgiu de um dos centros da fé dos primeiros anos da fundação da igreja: Antioquia, Alexandria e Jerusalém; que cada um dos diferentes evangelhos representava uma escola de pensamento sobre Jesus e que diferentes narrativas dariam mais confiabilidade, autoridade e autenticidade. Deixar de fora um evangelho poderia abrir espaço para desconfiança, mas incluir os quatro seria uma forma de unificar as comunidades cristãs. Bersagel aponta também justamente para o fato de que em cada evangelho encontramos pistas sobre a natureza ou o caráter do público para o qual foi escrito. Mas houve também quem achasse quatro evangelhos um exagero. Por exemplo, o discípulo de Justino Mártir, Taciano, um antigo apologista e asceta cristão, procurou combinar todo o material textual sobre Jesus que encontrou nos evangelhos em uma única narrativa.⁵⁴ E pelo menos uma parte da igreja siríaca usou essa harmonização dos evangelhos no século V. Porém, tal harmonia dos evangelhos

⁵⁴ A tentativa de resolver a crise lecionária que enquadrava a vida de Jesus numa única narrativa contínua dividida em 55 capítulos ficou conhecida como *DIATESSERON*. Um lecionário que coincide com o número de semanas do ano mais algumas para o Natal e a Páscoa. <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/leccionario.htm> - Acesso em: 29.05.2019

mostrou-se suspeita para a maioria da igreja e na maior parte do mundo cristão, as comunidades escolheram preservar e usar os quatro evangelhos.

Então, o que há de especial nessas quatro testemunhas de Jesus que levaram a igreja a continuar a reivindicá-las como verdadeiras e sagradas histórias da história de Jesus? A motivação foi apenas apostólica, foi a localização geográfica, seu ponto de vista teológico, seu contexto? Ou há algo mais que justifique que quatro evangelhos sejam incluídos no cânone do Novo Testamento?

À luz da teoria keirseyaniana dos temperamentos isso parece apontar para uma motivação bem distinta e especial. Cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus. Portanto, quando a igreja incluiu os quatro evangelhos no cânone isso parece que não teve relação com a geografia do evangelho, ou com autoridade apostólica, mas com o tipo de pessoas a quem essas narrativas foram dirigidas. Ao incluir os quatro evangelhos a igreja estava incluindo simplesmente todas as pessoas. O caráter absolutamente inclusivo estava presente. A seleção dos quatro evangelhos evidenciou que a comunidade cristã desejava acolher a todos.

O que isso pode significar para a liderança religiosa – especialmente para os que pregam e ensinam? Entre outras coisas, que os textos precisam ser pregados e ensinados sem aquelas fixações comuns de preferências de alguns textos em detrimento de outros. Esse risco é enorme, pois é muito comum (e, de certo modo, natural) que líderes tenham as suas histórias preferidas. Talvez por isso já a igreja antiga tenha

organizado um Lecionário que a cada quatro anos conta todas as histórias dos quatro evangelhos nas leituras dominicais. Isso exige que os pregadores e professores considerem com seriedade o fato de os evangelhos terem uma perspectiva diferente, uma voz diferente – a voz do próprio escritor do evangelho. Isso significa que a cada quatro anos as pessoas de cada temperamento têm a oportunidade de ouvir o evangelho em sua própria “língua”, na linguagem que é mais parecida com a “clave” na qual eles se encontram – de acordo com as suas próprias “chaves temperamentais de leitura de vida”. Essa é outra grande contribuição do conhecimento da teoria dos temperamentos para os que pregam e ensinam: a de levar muito a sério as vozes dos escritores dos evangelhos e não ceder à tentação de falar no seu próprio tom pessoal. Uma abordagem que considerar esses aspectos provavelmente estará mais propensa a alcançar mais pessoas e com maior autenticidade o evangelho. Claro que tal abordagem exige que o pregador ou o professor não tenha em mente o seu próprio temperamento, mas que deixe falar o temperamento do evangelista. E isso pode mudar muito a forma de contar e até de interpretar as histórias dos diferentes evangelhos.

O evangelho SJ - Mateus

O evangelho segundo Mateus é um relato histórico ou tradicional de Jesus. Na tradição cristã é simbolizado por um homem – por iniciar sua narrativa com uma longa genealogia e dar enfoque especial à humanidade de Jesus. É provavelmente a palavra de um SJ (“Guardião” – Mateus era um oficial da alfândega e coletor de impostos, um estudante

da Lei Hebraica e da tradição dos escribas) e, portanto, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Refere-se a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos em conjunto. Mateus deleita-se em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal.

Como já sabemos, o temperamento SJ é o mais numeroso. De acordo com DK os guardiães são cerca de 45% da população mundial. Portanto, sempre tiveram um lugar de destaque na experiência humana. É chamado de Guardiã porque, desde os tempos remotos da história da humanidade, é o tipo que mais protege sua família e a comunidade. SJ é um Bento XVI, preocupado em preservar a tradição da doutrina religiosa e o são boa parte dos juízes das Supremas Cortes da maioria dos países na atualidade. São guardiães que buscam “trazer o passado para o presente”. Para o Guardiã, Shakespeare está certo quando diz que “o passado é um prólogo...” (apud Bersagel, 2019, p. 811). Valoriza a tradição, o *common sense*, a história, crenças moralmente corretas e está atento às necessidades dos outros.

Keirseey recolhe de Meyers uma série de palavras para descrever esses Guardiões (SJ): conservador, meticuloso, confiável, detalhista, factual, trabalhador, paciente, perseverante, rotineiro, sensato, estável, não-impulsivo. Os Guardiões podem ser comparados aos castores que constroem meticulosamente uma estrutura e estão dispostos a defender essa estrutura contra qualquer um que tente destruí-la. A inclinação do Guardião é se conectar com o passado. E o que observamos no evangelho de Mateus? Uma conexão constante com ênfase na tradição e no passado. Não é por acaso que ele comece sua história colocando-a no contexto da tradição judaica. A genealogia começa com Abraão para mostrar que Jesus não caiu de repente do céu, mas sua vinda teve uma preparação profunda, pois para Mateus a autoridade e autenticidade da testemunha encontram-se em conexão com o passado. Jesus não traz algo novo em suas palavras e ações, mas é um cumprimento do passado. Essa conexão o credencia como o Messias de Deus. Se Marcos (SP) repete muitas vezes a palavra “de repente”, Mateus repete frases como “para que se cumprisse o que foi escrito” ou “como está escrito “. São citações da Lei e dos Profetas que ligam Jesus à história do povo de Deus do Antigo Testamento. Se para Marcos é importante falar do passado-presente, do aqui e do agora, para Mateus importante é falar do presente-passado – daquilo que agora remete ou tem raiz no passado. Ou seja, ainda que Marcos e Mateus sejam do tipo S, Marcos enfatiza a necessidade de quebrar o vínculo com o passado, enquanto Mateus demonstra que é necessário prolongá-lo, pois Deus está cumprindo suas promessas que têm raízes no passado. A ênfase de Mateus é clara: *“Jesus não veio para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los”* (5:17).

O público de Mateus é provavelmente uma mistura de judeus e gentios - uma mistura do velho com o novo. Arrancar as raízes (o velho) prematuramente é destrutivo para um SJ. Após a prisão de João Batista, a mensagem de Jesus em Mateus é resumida com as próprias palavras de João: “Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (4:18). O evangelista quer ressaltar que o ministério de Jesus está fundamentado no que veio antes, nas palavras de João Batista. O reino de Deus é, antes de mais nada, presença. Uma presença que se coloca no meio do povo escolhido no passado. Mateus abre seu evangelho dizendo que o nome da criança deve ser Emanuel – Deus Conosco. E termina com as palavras de Jesus: “Eu estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos”. Durante toda sua narrativa Mateus está querendo dizer “Deus está presente, Deus sempre foi, é e será”. Em Jesus, o passado é trazido para o presente, a história é trazida para o presente. Quando Jesus morre na cruz, Mateus é o único a contar que naquele momento “muitas pessoas do povo de Deus (os santos) que haviam morrido saíram dos túmulos” (27.53,54), para testemunhar o que Deus estava fazendo no mundo.

É muito interessante observar que Mateus com frequência insiste em trazer o passado para o presente, precisamente como o Guardião que sempre está preocupado em fazer a coisa certa. Mateus quer “cumprir toda a justiça” (2.13-17). E narra com zeloso cuidado a coisa certa a fazer quando Maria fica grávida, ressaltando que em sonho José foi orientado por um anjo a não abandonar sua noiva. E novamente cita a profecia de que “tudo isso aconteceu para se

cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta...” (1.18-25).

O tema que se estende ao longo deste evangelho é a pergunta: “O que significa ser justo”? A palavra é *tsedekah* – *justiça* – é recorrente. A ênfase se dá em fazer o que deve ser feito ou da maneira como deve ser feito. Isso fica mais claro nas parábolas do fim dos tempos no capítulo 25. Neste trecho do evangelho são feitos juízos sobre quem prova ser justo, que agiu corretamente, respeitosamente. Aos bons, aos que agiram com retidão, vem o elogio: “Muito bem, servo bom e fiel ...” (25.31,33). Aos maus, vem a sentença: “E irão estes para o castigo eterno “ (25.46).

Mateus também sinaliza um tipo diferente de justiça em ação em Jesus. O Sermão da Montanha inclui uma lista de advertências para estar ciente dos perigos de viver a fé cristã. Especialmente o perigo dos exemplos de líderes religiosos como os fariseus. Mateus alerta para a prática de sua piedade diante dos outros; para a forma de julgar os outros; contra os falsos profetas; contra a tentação de acumular dinheiro ou bens. Essas e outras advertências são mais dirigidas por Mateus a uma comunidade composta de judeus e gentios o que demonstra a preocupação típica de um Guardião atento às necessidades (pelo menos na visão dele) dos outros. A linguagem é sempre muito concreta. Mesmo nas parábolas não há uso de metáforas, mas de símiles. “O reino de Deus é como...” – símiles são extraídos do mundo cotidiano, de coisas do dia a dia que as pessoas conhecem. Várias parábolas simplesmente sugerem que o reino, a presença de Deus já está no mundo à espera de ser encontrado. Essa presença está disponível para quem procura. Aí, como regra

áurea, diz Mateus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (7: 7) A presença de Deus está oculta, mas ao mesmo tempo, disponível. Possuir, conhecer a presença de Deus é o maior bem e torna-se a verdadeira justiça. Assim também no capítulo 24 quando fala sobre a vinda do ‘Filho do Homem’, Mateus apresenta imagens da vida cotidiana para advertir contra o descuido de não estar preparado no dia do juízo. A meta é a fidelidade. “Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual o seu senhor confiou a direção de sua casa, para que, a tempo, dê a todos o sustento? Feliz aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo” (24.45,46). Como sabemos, para o SJ o maior bem e satisfação é cumprir o dever. Para ele fazer o que alguém foi orientado a fazer agrada a Deus e cuidar das responsabilidades de alguém é ser justo.

A ênfase de Mateus na retidão, na construção da tradição, formou a vida de muitas igrejas cristãs. Se observarmos, por exemplo, a estrutura da igreja que católicos romanos construíram, na qual há a tradição de fazer a coisa certa, veremos que ela desempenha um papel significativo: sucessão apostólica, o papa ocupando o trono de Pedro, a lei canônica delineando deveres, as responsabilidades dos fiéis, etc. A ênfase no dever de preservar a tradição aponta nesta mesma direção. Isto também é válido para outros grupos religiosos para os quais são importantes a tradição, regimentos fortes e detalhados e regras escritas para a vida em conjunto. A construção da tradição e a descrição concreta do ser justo fazem de Mateus o evangelho esses grupos mais apreciam. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros

temperamentos podem censurar os SJs por sua propensão ao tradicionalismo e à inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/tipologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels: Gospel Temperament and Preaching**. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.

Publ. orig.: Revista Internacional d'Humanitats 49 mai-ago 2020
CEMOrc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

A tipologia de David Keirsej e os evangelhos – observações sobre Marcos, o SP

Introdução

Em artigo recente “A tipologia de David Keirsej e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ” (Revista Internacional d’Humanitats N. 49 - www.hottopos.com/rih49/index.htm) examinei o caso SJ – que serve de excelente contraste para o SP, agora em pauta. A introdução daquele artigo serve, naturalmente, também para este, mas aqui a introdução será para situar o tipo SP de Marcos (em contraste com o SJ), que remete a outro artigo, que publiquei em parceria com Jean Lauand (“Tipos de David Keirsej -identificandoalgumas características II” em Revista Internacional d’Humanitats N. 45 – <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirsej.pdf>). Permitir-me-ei remeter às introduções desses dois artigos, que permitirão bem enquadrar nosso evangelista.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirsej é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitable), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cômicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirse.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”) ⁵⁵; os SP à

⁵⁵. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marías: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).

aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

2. Temperamentos e os quatro evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseyaniana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuteronômio e outro, do Profeta Ezequiel.

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuteronômio 6.5.⁵⁶ O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseiana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de Keirse – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirse com os 4 evangelhos (à

⁵⁶ O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Marcos, o SP.

3. Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a “esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja concordância de que os dois são N. Seja como for, uma breve observação do próprio Keirsey (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

À luz da teoria keirseyaniana dos temperamentos, podemos pensar que cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus.

4. O evangelho SP - Marcos

O Evangelho segundo Marcos é a versão de uma testemunha ocular da história de Jesus. De linguagem simples e direta, é o mais curto dos evangelhos (Mateus tem 28 capítulos, Lucas 24, João 21 enquanto Marcos tem apenas 16). É pouco organizado, cheio de detalhes vivos e de ação física, escrito por alguém de caráter impulsivo (o Leão era o símbolo de Marcos na arte medieval). Remete a alguém que ama “*com todo o seu coração*” – “tipicamente” o keirseiano SP.

Como veremos, o temperamento SP – *artisan* – aplica-se ao evangelho de Marcos por várias razões. A chave para compreender o estilo de Marcos parece ser a parábola do semeador. A impetuosidade do semeador e o excesso de recursos é a surpresa dessa história. Está em jogo, sobretudo, as grandes transformações que as sementes causam na vida das pessoas e no mundo. A semente produz frutos porque há um poder dentro dela que transforma tudo ao redor, uma das características principais dos artesãos. E Marcos “incorpora” exatamente este temperamento. Os SP são ativos. A narrativa do batismo de Jesus neste evangelho, por exemplo, é uma história de pura ação e pouca reflexão. O temperamento SP olha o passado por causa do presente e busca mudar o presente. No rio Jordão, Jesus vê os céus “se rasgarem” e o poder de Deus é apresentado como livre, solto no mundo. E, uma vez livre, é um poder que não pode ser aprisionado, mas continuará a operar no mundo de maneira selvagem e até mesmo de forma desajeitada. Quando um jovem rico vem a Jesus procurando e lhe pergunta o que é preciso para herdar a vida eterna, Marcos narra claramente que Jesus não está

preocupado com uma fé abstrata, mas com o que a fé faz concretamente na ação cotidiana. Há uma ordem inequívoca sobre o que fazer: “*Vá vender tudo o que você tem e dê aos pobres; então venha, siga-me.*” Para a narrativa do evangelista Marcos a história de Jesus tem esse filtro temperamental cuja característica mais importante é a ação, a urgência, a impulsividade. Os SP vivem no agora. A ênfase no batismo de Jesus são as palavras de autoridade naquele instante, naquele momento, não as que falam no passado (Marcos 1:27, 2:12, 4:41, 5:20, 5:42, 6: 2, 6:31, etc.) Essas palavras transformam as pessoas, mudam sua experiência de vida, colocam-nas em uma nova situação.

É interessante observar que logo no início do seu evangelho, Marcos apresenta as palavras de Jesus que “*ninguém costura um pedaço de tecido novo em um manto velho e que ninguém põe vinho novo em odres velhos*” (Mc 2.21.22). São declarações que atestam a compreensão do autor no valor do imediatismo e da novidade do modo como Deus atua no mundo. Também vale destacar o fato de neste evangelho Jesus começar seu ministério com o anúncio: “*O tempo se cumpriu e o reino de Deus está perto; arrependam-se e creiam no evangelho*”. Reino é poder. Por isso também o imediato relato do batismo de Jesus soa como prólogo de todas as ações de Jesus que serão narradas em seguida. Esse poder não chegará num futuro distante, mas é apresentado como o tempo que já se cumpre agora. O poder de Deus está em ação agora. A mensagem de Jesus se torna o poder de Deus que está solto no mundo e que traz tanto mudança quanto fé. Por isso também não surpreende que a palavra, “imediatamente” apareça com frequência. Conforme 1:14,

18, 42; 2:13; 3: 6 – para citar apenas alguns textos – Marcos está mais interessado no “agora”. Nem no passado nem no futuro. E não há qualquer menção da ascendência de Jesus – como acontece em Mateus e em Lucas. Jesus simplesmente chega cheio de poder e age no mundo. Essa característica também é muito clara no final do evangelho. Marcos anuncia a ressurreição de Jesus e imediatamente termina a narrativa com as mulheres aterrorizadas e com medo [os versos 9 a 20 do último capítulo são acrescentados posteriormente]. Portanto, o interesse de Marcos não está nas aparições da ressurreição, nem em pensamentos especulativos sobre ressurreição, ou em teologização abstrata. Ele simplesmente anuncia a ressurreição e pede àqueles que ouvem a história uma resposta a esta Boa Nova.

Outra característica dos *artisans* é o uso de palavras concretas em vez de abstratas. Obviamente que nas parábolas esse aspecto é exceção. Porém, a presença de narrativas em forma de parábolas em Marcos é bem pequena. Parece que intencionalmente o autor “foge” das narrativas que contenham metáforas e figuras de linguagem que remetam à abstração. Com frequência aparecem histórias que acentuam a poderosa palavra de Jesus que é capaz de mudar concretamente a vida das pessoas. Há várias histórias de cura em Marcos e a linguagem é simples e direta. Alguns exemplos: Para o leproso – “Quero, fica limpo” (1:41). Para o paralítico - “Levante-te, toma o teu leito e vai para a tua casa” (2:11). Para o homem com uma mão ressequida – “Estenda a mão” (3.5). Para o vento e o mar “Cala-te, emudece” (4:39). Para a filha do líder da sinagoga – “Menina, eu te digo: levanta-te” (5.41). Para o homem surdo – “Efata” (7.34).

Para o cego Bartimeu - “Vai, a tua fé te curou.” (10:52). Cada uma dessas declarações fala por si mesma. Uma palavra simples e concreta que traz mudanças de vida. A predileção de Marcos pelo concreto aparece até mesmo quando ele conta a história da ressurreição. Enquanto Mateus e Lucas colocam anjos no sepulcro, Marcos notará apenas que um “jovem” tem uma mensagem para as mulheres. Ele não é descrito como um anjo ou ser celestial. Ele é um ser humano concreto e real. E traz uma mensagem muito concreta: “Jesus não está no túmulo... Ele vai adiante vós para a Galileia” (16.7). Essa preferência para o concreto também significa que Marcos não idealiza aqueles que seguem a Jesus. Ao longo do evangelho, os discípulos não entendem a importância do que está acontecendo. Tendo experimentado o anúncio da ressurreição, as mulheres ficam maravilhadas e com medo. São pessoas reais que reagem de maneira humana ao que experimentam.

O *artisan* (SP) também gosta de usar as mãos para fazer as coisas e vemos isso na narrativa de Marcos. Várias vezes Jesus faz uso das mãos. Em Betsaida, os amigos de um cego pedem que Jesus o toque. Jesus toca os olhos do homem com saliva e ele vê; Jesus pega a mão da filha do líder da sinagoga e dá a vida a ela; os dedos de Jesus tocam pessoas surdas e elas ouvem; com uma palavra. Quando o menino exorcizado aparece morto, Jesus o pega pela mão (14.20-29); pelas suas mãos o pão se torna seu corpo e o vinho se torna seu sangue. Jesus usa não apenas palavras, mas ações também.

Outra uma característica dos *artisans* presente no evangelho de Marcos é que eles estão dispostos a correr

riscos. Todos os tipos de riscos. Não só uma, mas várias vezes Marcos diz que Jesus come com “pecadores”. O Jesus de Marcos ignora as tradições e os costumes para abrir caminho para uma nova maneira de estar no mundo, por exemplo, quando rejeita sua família biológica e quando cruza as fronteiras para Tiro, Sidon e Decápolis. Ele está pronto e disposto a assumir riscos para salvar o mundo. Essa sensação de viver a vida ao máximo, vivendo de maneira prática, já aparece no início do evangelho. Sua pouca consideração pelas tradições também aparece quando seus discípulos colhem um pouco de cereal para se alimentar no sábado. Os anciãos dizem que estão quebrando as leis. Jesus é categórico ao dizer que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (2:27). As regras e regulamentos em torno do sábado não têm precedência sobre as necessidades das pessoas.

É evidente que os melhores ouvintes dessa narrativa são aqueles tipos que, assim como o próprio autor, apreciam a ação, o poder, a cura dos males concretos da vida, coisas que querem disponíveis imediatamente. Não querem olhar para o futuro nem para o passado, mas para o presente. O evangelho de Marcos foi escrito para pessoas com características fortemente SP, para as que vivem no agora e estão dispostas a correr o risco de viver o presente, o momento. Esses tipos encontrarão no relato de Marcos maior inspiração e mais ânimo para viver.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/tipologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels: Gospel Temperament and Preaching**. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.

Publ. orig.:
Convenit Internacional 32 jan-abr 2020 Cemoroc-Feusp /
LJI - Univ. do Porto

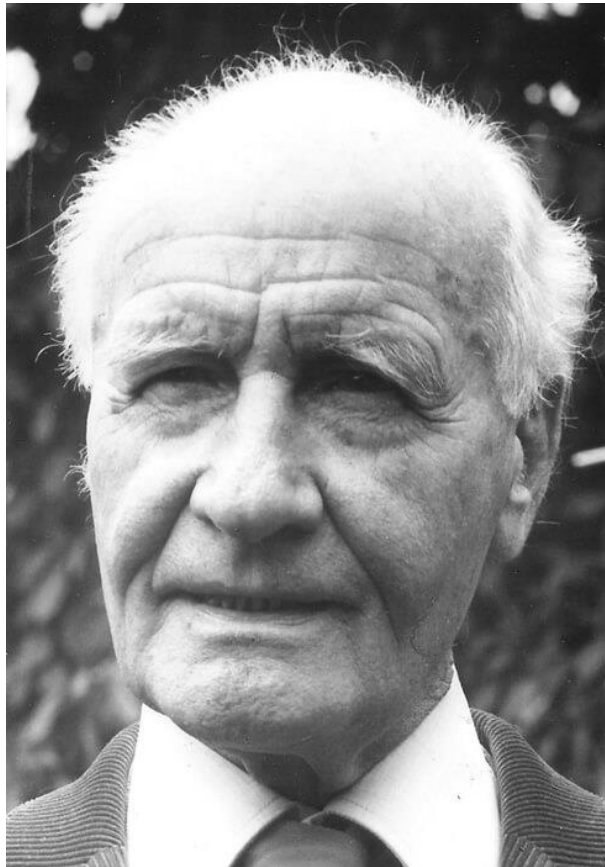
Elogio do ócio – breve nota sobre a *skholé* e a escola para o início do ano letivo

Todos os anos, nos meses de janeiro ou de fevereiro, a maioria de nós brasileiros, tira alguns dias ou um tempo de férias. É um período especial para descansar, para lazer, de estar mais perto da família. Um tempo de ócio, de não fazer nada.

Embora aqui e ali, nos últimos anos, tenhamos visto referências positivas às férias, a esse tempo de “não fazer nada”, ainda é quase impossível imaginar – devido à nossa mentalidade profundamente “trabalhista” – um elogio ao ócio (*skholé*) e uma séria reprimenda ao “totalitarismo do mundo do trabalho” (Josef Pieper) que, negativa e compulsivamente, se ocupa do negócio (*neg-otium*).

No entanto, para o início de um novo ano letivo, quero tecer algumas considerações que levem nossos jovens leitores a refletir sobre o ócio, uma vez que ele remete a questões educacionais fundamentais. Convido-os a abandonar a ilusória verdade de que não há valor no ócio e a desconfiar do absolutismo do trabalho.

As sugestivas implicações para a educação provêm até mesmo da etimologia: Estudar, estudo, é (real e) etimologicamente (*studio*) zelo, aplicação, dedicação de quem ama o que faz. Considerar o estudo alguma coisa aborrecida seria simplesmente impensável para os clássicos.



Josef Pieper – o filósofo da *skholé*

E “escola”, por sua vez, remete a *skholé* (*otium*, ócio). *Skholé*, para Aristóteles – e para toda a tradição grega – nada tem que ver com o ócio vazio, com a ociosidade “mãe de todos os vícios”, mas trata-se antes de algo fundamentalmente positivo e essencial: a atitude de serena festa da alma que se deleita na contemplação da verdade, despertada pelo olhar de admiração. Assim, a *skholé* não se reduz a “tempo livre”; é, como dizíamos, uma

disponibilidade do espírito para admirar e contemplar a maravilha da criação – claro que a opressão do excesso de trabalho (e trabalhadoras da vida) podem dificultar o cultivo dessa atitude (fomentada até pelo terceiro mandamento da Lei de Deus).

Skholé é condição *sine qua non* para o filosofar e a admiração (de acordo com a tradição grega e também do pensamento cristão) é mesmo o princípio não só do filosofar, mas também da poesia (do “poetar”) e também da contemplação religiosa.

Cai muito bem aqui aquele verso genial de Adélia Prado:

“De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo.”

Studio, estudar é, como dizíamos, o entusiasmo com que o ator cultiva a interpretação perfeita de seu personagem; é o carinho com que um Messi, em dia inspirado, acaricia a bola e toma distância para cobrar a falta que já se antevê que resultará em um golão. E se *skholé* é festa da alma, então nosso estudo e nossas escolas nem sempre correspondem ao que deveriam ser. O estudo é visto como algo árduo e há muitas escolas que lembram presídios – com suas grades e alunos perguntando que horas o professor vai “soltar” a classe. A falta de *studio* e da *skholé* estão por trás de problemas de indisciplina, vandalismo, bullying etc. Infelizmente as escolas que melhor realizam o ideal clássico de *skholé* e *studio* são as... Escolas de Samba! Nelas,

milhares de integrantes participam com amor e espontaneidade e não medem sacrifícios em seu alegre devotamento à Escola.

A educação cristã (e não só ela...) pode ser imensamente mais rica se estiver assentada na *skholé* e no *mirandum* (aquilo que suscita a admiração). Para isso não é necessário inventar nada: basta recuperar seu sentido originário ou parafraseando a célebre sentença de Píndaro: “Escola, torna-te o que és!”.

**Publ. orig.: Revista Intern. d’Humanitats N. 60-61 jan-ago
2024 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona**

Os Seminários do Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo

Os contatos prévios

A pré-história do relacionamento entre o Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo, do qual tenho a honra de ser diretor, começou em data precisa: 8 de agosto de 2012, quando – como aluno especial do Programa de Mestrado em Educação na Universidade Metodista de São Paulo – assisti à primeira aula da disciplina “Abordagens Filosóficas da Educação”, ministrada pelo Prof. Dr. Jean Lauand, fundador e presidente do Cemoroc.

Naquela aula, senti vivamente aquilo que C. S. Lewis fala da faísca geradora da verdadeira amizade, o excluir de surpresa: “- *Ah, you too?*”. Enquanto os colegas acompanhavam *normalmente* as ideias, propostas, cronograma, bibliografia etc., eu, para além do âmbito meramente acadêmico, senti que estava diante de uma imensamente promissora vivência de filosofar, a praticada por Lauand e que abrir-me-ia – ao longo dos anos de mestrado e doutorado – riquíssima perspectiva pessoal e pedagógica, aprofundando no pensamento vivo de autores como Josef Pieper, David Keirse, C. S. Lewis e outros. Mais do que o conhecimento acadêmico – profundo e rigoroso – que Lauand nos transmitia, passei naturalmente a comungar – o *you too* lewisiano – dessa atitude vital, o *philosophieren* de que fala Pieper.

Em 2013, já oficialmente no mestrado e tendo o Prof. Lauand como orientador, não tivemos a menor dificuldade em definir o tema da dissertação: um estudo comparativo entre os dois autores que mais me marcaram filosófica e pessoalmente: a educação para o amor em Lewis e Pieper. Lauand, como se sabe, é o maior estudioso de Pieper no Brasil e pioneiro nos estudos pieperianos em nosso país.

Uma maravilhosa surpresa: o incomparável estilo dos Seminários do Cemoroc

Como todos os orientandos de Lauand, nem bem ingressado no mestrado já fui convidado a participar do grande evento anual do Cemoroc, em 2013 (junho): o XIV Seminário Internacional Filosofia & Educação, dedicado a celebrar os 60 anos de publicação do livro de Josef Pieper: *Unaustrinkbares Licht*. E, para minha surpresa, fui encarregado de uma mini conferência: “Josef Pieper e C. S. Lewis: metodologia, linguagem e amor”.

Meus temores diante de tal missão só se dissiparam quando da própria realização do evento: precisamente naquele ano, o Cemoroc lançou um revolucionário formato de Seminário, rompendo completamente com os padrões usuais de eventos congêneres, por vezes entediantes e engessados. Por exemplo, parece incrível que em pleno século XXI ainda haja encontros acadêmicos nos quais o conferencista lê seu texto (talvez disfarçado de *power point...*).

Nosso formato revolucionário começa pelo espaço: os Encontros ocorrem, como uma grande e informal tertúlia, que se inicia de manhã na varanda de um restaurante (nosso “ponto tradicional” é a Churrascaria Estância, no Campo Belo), entre cafés, sucos, pães de queijo etc. O horário marcado para cada conferencista não é dedicado a uma exposição completa de seu tema: o Cemoroc exige que cada participante disponibilize seu texto um mês antes, de modo que o tempo é todo dedicado para conversa e discussão: péssimo para alguém que quisesse se valer do Seminário para “poses acadêmicas”; ótimo, como enriquecimento real (e agradável) para todos os participantes. O Prof. Lauand – sempre com extraordinária maestria e magnética capacidade de reunir o grupo – (ou outro organizador do evento) cuida para que tudo transcorra em tom informal e espontâneo, embora discretamente administre o tempo de cada um e faça com que todos acabem participando, com total liberdade de expor suas ideias e experiências. Após a sessão matinal, almoço em salão reservado e, para a sessão da tarde, todos retornam à varanda e seus cafés.



XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação (2013).
Paulo Ferreira da Cunha; Juliana B. Rubio; Luiz Costa Pereira Jr.;
Georgia Vassimon; Robson Garcez; Aida Hanania; Enio Starosky;
Jean Lauand; Chie Hirose e Roberto C. G. Castro.

Evidentemente, não se trata de mera fórmula organizacional, que outras instituições poderiam simplesmente copiar; o segredo do extremo aprendizado que ocorre nesses Seminários está no espírito do Centro: o clima de imensa amizade entre os diretores e membros mais antigos do Cemoroc, que leva cada um a admirar o trabalho dos outros e encantar-se em acolher as incipientes pesquisas dos jovens investigadores. Assim, o núcleo mais constante do Cemoroc é composto por intelectuais como: Paulo Ferreira da Cunha (catedrático do Porto e atualmente ministro da Suprema Corte de Portugal), Aida Hanania (titular de Estudos Árabes na FFLCHUSP), Silvia Gasparian Colello (Livre Docente da FEUSP), Chie Hirose (doutora e pós-doutora pela FEUSP e professora alfabetizadora da Prefeitura), Roberto Carlos Gomes de Castro (Pós-doutor em Pieper), todos informados por essa disponibilidade de ouvir, com muito gosto, os demais.

Especialmente para quem está iniciando uma pós-graduação esse ambiente é extremamente estimulante: minha “conferência” no Seminário foi antecedida do artigo de mesmo título: “Josef Pieper e C. S. Lewis: metodologia, linguagem e amor” (que escrevi em coautoria com Lauand) e foi publicado na revista *Convenit Internacional* No. 12 (<http://www.hottopos.com/convenit12/15-34JeanEnio.pdf>). Assim, sem traumas, quase sem reparar, já em meu primeiro semestre da pós, tive um artigo publicado e uma participação em Seminário Internacional.

O Cemoroc e o Colégio Luterano São Paulo

Outra feliz coincidência: 2013 foi também o ano em que o Cemoroc deu início – por decisão de seus diretores: Profa. Dra. Chie Hirose e Prof. Dr. João Sérgio Lauand – a um intenso empenho em estender suas atividades também para escolas públicas, sobretudo no que diz respeito à formação de professores.

Jean Lauand – sabendo que o Colégio Luterano não é uma escola com fins lucrativos, com uma política de muitas bolsas para a comunidade e aberta à parceria com as escolas públicas da região – incluiu nosso Colégio na programação do Cemoroc.

Ao longo dos anos, essa parceria com o Cemoroc viria a realizar – sempre em sessões abertas à comunidade e à escola pública – vários cursos e palestras de formação de professores, conferências para alunos e até para pais, publicações etc.



Auditório do Luterano (2-12-1019): alunos de escolas públicas recebem as revistas *Coepta*. Foto: Diário Oficial da Prefeitura do Guarujá

Já em setembro de 2013, sediamos um primeiro curso de formação de professores do Cemoroc: “Grandes temas pedagógicos – novos caminhos para a Educação Básica”, com 8 memoráveis conferências de especialistas do Centro. Uma delas, “Keirse e a escola” (Prof. Dr. João Sérgio Lauand), já prefigurava um tema que viria a ser constante na parceria Cemoroc-Luterano: a teoria do psicólogo norte americano David Keirse (abrev.: DK) e suas implicações para a Pedagogia.

Há outro estudo nesta edição comemorativa dedicado tematicamente às pesquisas e aos artigos sobre DK em revistas do Centro. Resumindo aqui, diríamos que DK recupera – a partir dos avanços da moderna psicologia – a antiga teoria dos temperamentos, o que implica em uma tipologia que nos permite uma aproximação às diferenças individuais, próprias de cada um. Só com este enunciado, já se pode ver imediatamente as enormes consequências para a convivência (daí as conferências sobre esse tema para pais e comunidade), para a Pedagogia (hoje que se fala tanto em educação personalizada) e tantos outros campos: eu, particularmente, dediquei meu doutorado às relações entre os tipos de DK e preferências religiosas (nas doutrinas, liturgias, pastorais etc.)

O Colégio Luterano, em diálogo com os pesquisadores do Cemoroc, promoveu diversas atividades sobre DK: os irmãos Jean e João Sérgio Lauand; Nadia Vianna e Chie Hirose, que fizeram pós-doutorados sobre DK na Feusp; entre outros.

Destaca-se neste sentido, um primeiro Seminário que realizamos para professores em 2016. Nele, para além das conferências de especialistas, tivemos um autêntico laboratório de DK: entrevistas com os professores (já familiarizados com as noções básicas de DK), que muito contribuiu para meu doutorado e para o pós-doutorado da Profa. Nadia Vianna.

O interesse pelo tema foi crescendo, tanto por parte do Cemoroc, quanto por parte do Luterano e no curso que promovemos em maio-abril 2019 – “Sobre a tipologia de David Keirse – psicologia, religião e educação” –, tivemos, além da inscrição dos professores interessados, a participação de muitos pais, o que não é muito usual em atividades e cursos promovidos por Colégios para famílias...

Outras atividades e publicações

DK é apenas um dos inúmeros campos em que tivemos o privilégio de interagir com o Cemoroc. Desde 2013, tivemos muitas conferências e cursos sobre outros importantes temas: Cultura árabe (Dra. Aida Hanania), Educação dos filhos (para pais: Dr. João Sérgio Lauand), Corpo e educação (Dra. Chie Hirose), Investigação Científica (para alunos do ensino médio: Dr. Jean Lauand), o filosofar de Josef Pieper (Dr. Roberto C. G. Castro), as visões de mundo tupi e africana – influências no português do Brasil (Dr. Jean Lauand), Educação e argumentação (Luiz Costa Pereira Jr.), História do Ensino Básico – Antiguidade e Idade Média (Jean Lauand), entre tantos outros.

Temos contado também com as preciosas conferências da Profa. Dra. Sílvia Gasparian Colello (Feusp), referência nacional em alfabetização e letramento.

Recordo de uma sessão especialmente memorável (20-05-2017), na qual após um curso sobre os Orientes e o corpo, convidamos a Dra. Chie Hirose para – com a ajuda de três gerações de sua família (pais: Sr. Shoso e D. Sanae, e sobrinhos: Dan e Jyou) – realizar, no Luterano uma Cerimônia do Chá, tema de seu doutoramento na Feusp. Naturalmente, essa *Chanoyu* foi acompanhada das devidas explicações da especialista sobre seu significado e alcance na Pedagogia Oriental.

Muitas dessas conferências no Colégio foram publicadas em artigos científicos e algumas reunidas em dois livros, coeditados pela editora Kapenke, Cemoroc e Colégio Luterano: “Sobre a tipologia de David Keirse” (<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/tipologia.pdf> 2019) e “Formação de Professores, Pais e Alunos – Conferências Cemoroc no Colégio Luterano São Paulo” (<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/FormacaoProfLut.pdf> 2020).

As revistas *Coepta*. Temos tido também a honra de participar de outra iniciativa do Cemoroc, da mais alta importância: a criação das revistas *Coepta* (objeto de outro artigo nesta edição).

Trata-se de um *Projeto de Incentivo à Pesquisa no Ensino Médio*. Esse Projeto, nascido naquelas deliciosas reuniões do Cemoroc, surgiu com uma ideia autenticamente inovadora: a série *Coepta*, como extensão de revistas

acadêmicas internacionais do Centro, acolhendo também artigos de jovens pesquisadores do final do Ensino Médio! Tenho a honra de ser um dos editores.

Como sempre, as ideias surgidas no Cemoroc não tardam em se tornar realidade. O acolhimento do *Projeto de Incentivo à Pesquisa no Ensino Médio* e o lançamento das primeiras revistas *Coepta* ocorreu a 26 de novembro de 2018, em sessão solene no Colégio Luterano, na presença dos jovens autores, seus pais e familiares, orientadores e professores, também estes extraordinariamente motivados, vendo publicadas as pesquisas de seus alunos, após meses de trabalho de acompanhamento. De fato, como tem destacado a imprensa, o evento foi um marco de inovação na forma de incentivar estudantes do ensino Médio aos estudos e à pesquisa, um dos eixos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Uma das grandes honras do Colégio, ao sediar em seu Auditório as sessões de lançamento dessas revistas, foi a presença, em 2018, do então catedrático da Universidade do Porto (e um dos fundadores da série *Coepta*), Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha, vindo de Portugal especialmente para o evento.

No ano seguinte, impedido de comparecer pessoalmente – sendo já Juiz do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal – enviou-nos uma preciosa mensagem “Pesquisa: uma alegria para sempre”, que foi lida na sessão solene de lançamento das *Coepta* 3 e 4, no Colégio Luterano, em 2 de dezembro de 2019.

Destaco seu primeiro parágrafo:

Encontramo-nos no Colégio Luterano São Paulo, um dos pilares dessa magnífica obra que está a se colocar aos estudantes pré-universitários (de vários níveis até) estimulando-os a fazer pesquisa, que tem sido uma das principais tarefas dos universitários. E de que resultaram, para já, os dois magníficos volumes da série *Coepta*...

(http://www.hottopos.com/isle34_35/15-16PFC.pdf)



Lançamento das Revistas *Coepta* no Colégio Luterano – 26.11.18.
Dr. Paulo Ferreira da Cunha é o primeiro na mesa.

Sonhos de diretor de um colégio

Ainda uma vez, volto a considerar o feliz ano de 2013, no qual iniciei o mestrado e iniciamos a parceria com o Cemoroc. Nesse ano, coincidentemente, nosso Colégio Luterano festejou seu 80º. aniversário (e, agora, estamos já no 90º).



Auditório do Luterano - os jovens autores no lançamento das *Coepta* (2019)

Como diretor, então, eu nem podia imaginar todos esses maravilhosos frutos dessa parceria, mas tinha já como que um pressentimento e um desejo, uma espécie de “pré-sonho”, na época sem contornos nítidos: o de que o Colégio – já com uma longa tradição de excelência – pudesse divisar um novo horizonte: o de começar a ser, de algum modo, também um Centro de Pensamento!

Como vimos, essa parceria com o Cemoroc, essa *participatio*, tem já se concretizado em saborosas realidades: todos os anos, os Trabalhos de Conclusão de nossos alunos concorrem – e alguns são aprovados – à publicação nas revistas internacionais *Coepta* (o que é também um poderoso estímulo para nossos professores que orientam esses trabalhos); nossos professores têm recebido – junto com seus colegas da escola pública – uma sólida formação complementar e atualização no diálogo com especialistas do mais alto nível; diálogo que se estende, muitas vezes também diretamente a nossos alunos, seus pais e à Comunidade. Tantos Encontros, Seminários, publicações...

Hoje, ao render este tributo de homenagem ao luminoso trabalho do Cemoroc, quero expressar também ao Centro a mais profunda gratidão da família do Luterano e que esses 25 anos de suas revistas se prolonguem em longa vida, sempre fecunda.

Publ. orig.: International Studies on Law and Education
45 set-dez 2023 CEMOrOc-Feusp

Paulo Ferreira da Cunha no Colégio Luterano São Paulo

O que passo a relatar a seguir, em homenagem ao Professor Paulo Ferreira da Cunha, também é um olhar em retrospectiva para a história do Colégio Luterano São Paulo. Esta instituição de ensino, que tenho a alegria de dirigir, com 87 anos [atualmente 90. Nota do Editor] de atividades educacionais na capital paulista, contou com a honra da luminosa presença de nosso ilustre homenageado.



O autor em sua conferência sobre Josef Pieper e C. S. Lewis – XVI Seminário Cemoroc (2015)

Nos últimos anos tenho tido o privilégio de ouvir o professor Paulo e de dialogar com ele, desde 2016, em diversos Seminários promovidos pelo Cemoroc (Centro de

Estudos Medievais Oriente & Ocidente) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Sua agudeza e realismo em diagnosticar os grandes problemas educacionais da atualidade e em oferecer caminhos de superação para os grandes desafios pedagógicos de nosso tempo são admiráveis.

Um exemplo disto foi sua incondicional dedicação ao *Projeto de Incentivo à Pesquisa no Ensino Médio*. Esse Projeto, nascido nessas reuniões do Cemoroc, surgiu com uma ideia autenticamente inovadora: a série *Coepta*, como extensão de revistas acadêmicas internacionais do Centro, acolhendo também artigos de jovens pesquisadores do final do Ensino Médio! Tenho a honra de ser um dos editores e nosso presidente, Jean Lauand, e Paulo Ferreira da Cunha estão entre os *Editors-in-chief*.

Como sempre, as ideias surgidas no Cemoroc não tardam em se tornar realidade. O acolhimento do *Projeto de Incentivo à Pesquisa no Ensino Médio* e o lançamento das primeiras revistas *Coepta* ocorreu a 26 de novembro de 2018, em sessão solene no Colégio Luterano, na presença dos jovens autores, seus pais e familiares, orientadores e professores, também estes extraordinariamente motivados, vendo publicadas as pesquisas de seus alunos, após meses de trabalho de acompanhamento. De fato, como destacou a imprensa, o evento foi um marco de inovação na forma de incentivar estudantes do ensino Médio aos estudos e à pesquisa, um dos eixos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).



Lançamento das Revistas *Coepa* no Colégio Luterano – 26.11.18.
PFC é o primeiro na mesa

Algumas Secretarias de Educação elogiaram o Projeto e entre outros órgãos de imprensa, o prestigioso Jornal da USP celebrou em longa matéria a publicação das revistas: <https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>



Revistas *Coepa* 1 e 2

Já chegando ao seu 5º volume em 2020 [atualmente em seu 12º volume – Nota do Editor], as revistas reúnem ensaios de especialistas, textos clássicos e artigos de jovens autores, alunos de colégios de São Paulo. A proximidade

entre estabelecimentos de ensino médio e um Centro de Estudos, como o Cemoroc, é um projeto pioneiro e inédito em nosso meio. Estamos valorizando não só a prática de fazer a pesquisa, mas também a forma de apresentá-la. Os trabalhos passam por uma avaliação criteriosa, tanto na escola quanto na revista, por meio de sua Comissão Editorial. Estão relacionados, preferencialmente, ao curso que os alunos pensam fazer no ensino superior e seguem as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Como dizíamos, no dia 26 de novembro de 2018, no Colégio Luterano São Paulo, com casa lotada e presidida pelo Prof. Paulo Ferreira da Cunha, realizou-se a sessão de lançamento das *Coepa*.

O discurso do Doutor Ferreira da Cunha na ocasião – “Expedição a Oz – Subsídios para um pequeno guia acadêmico” – foi uma marcante mensagem para os jovens pesquisadores ali presentes. (<http://www.hottopos.com/convenit30/07-16PFC.pdf>).



PFC e o autor no XVII Seminário Cemoroc (2016)

No ano seguinte, impedido de comparecer pessoalmente – como Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça – enviou-nos uma preciosa mensagem “Pesquisa: uma alegria para sempre”, que foi lida na sessão solene de lançamento das *Coepta* 3 e 4, no Colégio Luterano, em 2 de dezembro de 2019.

Sempre positivo em sua visão de mundo, Paulo Ferreira da Cunha fala-nos do fascínio que a pesquisa exerce (deve exercer...) para quem está dotado dessa vocação, despertando em muitos jovens (e reacendendo em estudiosos mais experientes) a paixão própria do pesquisador:

Umberto Eco disse que “*o Céu será um lugar de pesquisa...*”. Pode ser que não seja apenas uma Biblioteca, como alguns sugerem, porque a Casa do Pai tem muitas moradas, como dizia Teresa de Ávila, no seu livro de instrução às suas freiras. Mas certamente uma das Moradas é uma grande Biblioteca e outra um enorme Laboratório, numa ala de pesquisa, que não será das menores, quero crer... Pesquisa é uma alegria para sempre!

Cumprimentamos, também por isso, o Professor Paulo Ferreira da Cunha, com um maiúsculo “OBRIGADO”, naquele sentido mais profundo que aprendemos do Prof. Jean Lauand. Obrigado por trazer aos lançamentos das *Coepta*, que já anunciavam o tempo natalino, um brilho maior de esperança e alento! Obrigado pelas muitas e valiosíssimas indicações para nossos estudantes! Obrigado por incentivá-los para a pesquisa e para o gosto pelos estudos! Obrigado por despertar neles o espírito crítico, apresentando-lhes a realidade como ela é, lembrando-lhes uma das regras de

ouro mais importantes: “*Sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas*” (Mateus 10.16). E Obrigado também por lembrar a todos nós, educadores, que estudantes não nascem ensinados, por nos alertar e não nos deixar esquecer que a Educação sempre será uma vocação e uma arte!



Os jovens autores no lançamento das *Coepta*

Não há dúvida de que, para o Colégio Luterano, sempre teremos um importante marco em nosso passado, sobretudo por essa importante página de sua história, mais precisamente o dia 26 de novembro de 2018, carregará a lembrança da luminosa presença do Professor Ferreira da Cunha.

C. S. Lewis escreveu que “*não existem pessoas comuns. Todas são imortais*” (*There are no ordinary people, 1949*). Acho que ele tinha razão. Mas, se porventura houver “graus de imortalidade”, certamente a honra de estar em grau mais alto pertencerá ao nosso homenageado. E para o Luterano – cuja filosofia educacional, em muitos aspectos, nutre uma feliz aproximação e convergência de pensamento – rever, olhar em retrospectiva nossa história, significará

recolocar no ar um capítulo gravado com intensa e festiva celebração.

Portanto, ao Professor Paulo, todos os melhores votos de toda a comunidade escolar do Colégio Luterano São Paulo!

São Paulo, 10 de junho de 2020.

Publ. orig.: International Studies on Law and Education
45 set-dez 2023 CEMOrOc-Feusp